

SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Janeiro/Fevereiro 2013
Edição nº 1.346
Secretaria de Estado de Cultura



Depois de lembrar, nas edições anteriores, dois importantes personagens da história do Suplemento Literário de Minas Gerais que já nos deixaram — Adão Ventura e Roberto Drummond —, abrimos este número homenageando o poeta Valdimir Diniz, morto há quase trinta anos num acidente automobilístico. Figura destacada da geração que se formou na então redação da Avenida Augusto de Lima, no centro de Belo Horizonte, Valdimir deixou dois livros de poemas publicados e diversos inéditos que apontavam para a continuidade vitoriosa de sua poesia, como os que mostramos aqui.

Na sequência, novos contos de Ana Cecília Carvalho e a estreia da contista Rosângela Maluf em publicação impressa, ela que há tempos frequenta com seus textos blogs de literatura, e do carioca João Paulo Vaz, já com alguns livros publicados.

A poesia está representada pelo paranaense Rodrigo Garcia Lopes e pela contista e romancista mineira Lucienne Samôr, em uma de suas raras manifestações em versos, além de um ensaio sobre o fazer poético na visão de Ricardo Teixeira de Salles. O poeta Affonso Romano de Sant'Anna nos lembra também da obra da professora Ângela Vaz Leão sobre cantigas medievais.

Apresentamos ainda um discurso de Silviano Santiago sobre Carlos Drummond de Andrade, um curioso apanhado do paulista radicado na Paraíba W. J. Solha sobre a Justiça através dos tempos, um ensaio do oftalmologista Elisabeto Ribeiro Gonçalves sobre Dom Quixote, uma seleção de frases da argentina Silvina Ocampo, figura básica na grande literatura das Américas do século passado, e um trabalho sobre os 70 anos do compositor Caetano Veloso, por Cláudio Portella.

O artista plástico Mário Azevedo é o autor da capa e de duas ilustrações. As demais são de Getúlio Moreira e Pablo Picasso.

SUPLEMENTO



Capa: Mário Azevedo

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Diretor-geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais
Superintendente do SLMG
Diretor de Apoio Técnico
Diretor de Articulação e Promoção Literária
Projeto Gráfico e Direção de Arte
Diagramação
Conselho Editorial

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável

Antonio Augusto Junho Anastasia
Eliane Parreiras
Eugênio Ferraz
Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Plínio Fernandes – Traço Leal
Conrado Rezende, Carol Luz
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz Martins do Santos, Mariane Macedo Nunes (estagiária)
Marcelo Miranda – JP 66716 MG

**Textos assinados são de
responsabilidade dos autores**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

VALDIMIR DINIZ

A POESIA QUE AINDA SANGRA

Numa noite perdida de 1970, em duas mesas ajuntadas do bar Bernardinho Bernardão, em Belo Horizonte, quatro ou cinco jovens escritores, ainda com poucas letras mas com muitos sonhos, bebiam e discutiam seus poemas, contos e mulheres, sem deixar de perceber, com um pouco de apreensão, que em outra mesa, mais ao fundo, um casal conhecido discutia baixinho. De repente, a moça se levantou tentando segurar o choro e saiu do bar. O rapaz, um cara alto e de óculos de lentes grossas, permaneceu sentado por algum tempo fitando a cadeira em frente, agora vazia. Então se levantou, ergueu os braços e veio na direção dos amigos com um sorriso, bradando para todo mundo ouvir: “Vida é pra poeta!”

A vida do poeta Valdimir Diniz, no entanto, não chegou aos 40 anos, mais ou menos o tempo de vida de seu quase xará Maiakovski, de quem extraiu a epígrafe de seu poema *De três virtudes contemporâneas*: “Nas rubras flores de outubro”. Em 1986, na madrugada do dia 8 de dezembro — data em que também se foram Mozart, John Lennon e Tom Jobim —, teve seu carro esmagado por outro, cheio de jovens, quando passava pela plataforma inferior da Rodoviária do Plano Piloto, em Brasília, onde morava desde 1972, ano em que deixou a capital mineira para espalhar sua poesia em pleno coração do poder que ele combatia com versos fulminantes.

Valdimir Diniz nasceu em Belo Horizonte no dia 5 de maio de 1947. Fez parte do Grupo Beco, que realizava espetáculos de música e poesia. Publicou poemas no jornal dobrável *Vereda* e integrou a turma jovem do Suplemento Literário do “Minas Gerais”, que ficaria conhecida como “Geração Suplemento”. Depois de uma rápida passagem pelo *Jornal da Tarde*, de São Paulo, voltou para Belo Horizonte, onde ficou por mais dois anos e publicou, em 1971, seu primeiro livro, *Poesia aos sábados*, pelas Edições Oficina, que era um selo da Imprensa Oficial de Minas Gerais. Seu segundo livro, *Até o 8º round*, que foi um dos vencedores do Prêmio Remington de Poesia de 1977, saiu pela Editora Francisco Alves em 1978.

Passados pouco mais de 26 anos daquela madrugada de Brasília relembramos um pouco da poesia que Valdimir deixou, versos em que mescla com autoridade de grande artista ternura e deboche, suavidade e força, armas que usava em sua luta naquela época em que a opressão precisava ser enfrentada com talento e com muita coragem, e que, certamente, continuaria, como se pode ver nos poemas inéditos aqui apresentados.

AMEI UMA ARGENTINA, DOLORES
 AMEI UMA BOLIVIANA, DOLORES
 AMEI UMA CHILENA, DOLORES
 AMEI UMA PERUANA, DOLORES
 AMEI UMA URUGUAIA, DOLORES
 AMEI UMA VENEZUELANA, DOLORES
 AMEI UMA BRASILEIRA, MARIA DAS DORES

TODAS MORRERAM A CAMINHO DE BRASÍLIA

Do livro Poesia aos Sábados

QUEM É VOCÊ

Quem é você, qual o seu nome
Mal te pressinto e você some
Mas te percebo a todo momento
Na terra, na água, no firmamento
Consumindo meu corpo, meu pensamento

Quem é você, qual o seu nome
Te vejo em todo rosto de fome
Naqueles que estão no abandono
Na boca de que fala, nos que têm sono
Na primavera, no verão e no inverno
Na esperança do céu, na certeza do inferno

Por mais longe que seja te sinto por perto
Na mata verde, em qualquer deserto
Eu sinto o teu cheiro, o teu chocalho
Quem é você, qual o seu nome
Cara de cavalo, boca de cobra, cabeça de lobisomem

MEU CORAÇÃO

Meu coração bate sempre disparado
Bate por dentro, por fora, por todo lado
De jeito que ninguém ouve, pois o rumor é interno
Tem um que lá do céu numa festa do inferno

Meu coração tem a voz dos desesperados
As sístoles e diástoles no ritmo dos fados
E se sente solto, mesmo batendo entre paredes
Ele conhece bem a prisão e o conforto das redes

Meu coração é seu, e é também por usucapião
Se eu não o entrego na palma da mão
É só porque devo tê-lo dentro do peito
Falando baixo ou gritando, chacoalhando de qualquer jeito

Meu coração é assim, um pouco cachorro
Mas tente ouvir o seu esporro
Tente encará-lo de frente, embuti-lo em seu corpo
Aí ele vai te fazer roncar como um porco



Humberto Werneck

ÀS VEZES

Às vezes acham que estou louco porque ouço todos os ruídos
Do universo
Reverberações, cintilações, ressonâncias, choques térmicos,
explosões solares

Noite e dia
Guerra e paz
Vida e morte
Às vezes acham que estou louco
Às vezes acham que estou louco porque ouço todos os ruídos
Do universo

Nhaca, nheque, nhiqui, nhoco, nhucu
Às vezes acham que estou louco
Fico rouco de tanto repetir a mesma coisa:
tá tá tá, té té té, ti ti ti, tó tó tó, tu tu tu
o apelo à rima me alucina e eu incito: vão todos tomar no cu
ou não faz sentido?

Às vezes acham que estou louco porque ouço ruídos em meu quarto
Baratas, goteiras, pernilongos, a madeira do chão estalando
O meu coração batendo dentro do quarto
Eu me pergunto o que virá em seguida
Nada, ninguém, nenhum sinal dentro do quarto
Mas porque este silêncio se ouço todos os ruídos do universo?

Mísseis, martírios, pobreza, suicídios, fome, sortilégios
Totalitarismo, couvert, dólar e turismo
Meu Deus, nem sei mais o que sai de minha boca, do frio que vem,
aonde guardei minha touca?

Mamãe, papai, me dêem um bombom e nada mais
Para vocês não se chatearem, agradeço por ter nascido
Ainda não é hoje que vou estourar um ouvido
Mas, digam-me, por favor, o que esperavam de mim?
Princípio de que, meio de que, aonde chegar, em que fim?

Às vezes acham que estou louco porque ouço todos os ruídos
Do universo

Às vezes acham que estou louco porque insisto nesse verso
Uso e abuso dele, como se abusasse de mim
Eu o repito e ele se multiplica
Explode e repica, explode e repica, explode e repica
Dele mesmo acabo me esquecendo mas um pouco fica
Nessas horas nem sempre sei aonde estou, quem sou, o que faço
Mas me deixem assim, eu lhes peço
Que não escutem o meu verso – tudo bem – mas me deixem assim
– a sós,
apenas eu e o universo



ME DÁ O TOM

O tom reinante musical dançante de qualquer coisa
alucinante se mostrará mais adiante

O tom eufórico discursivo gongórico de que o pas-
sivo é retórico é ativo é o militante

O tom caudaloso prevendo um futuro perigoso faz
do permitido o audacioso e todos vamos em gozo

O tom escaldante de que a praça é excitante com o
toque mais brilhante da guitarra dissonante

O tom delirante do novo com o governante do lugar
do povo e o povo sobre as costas do governante

O tom revolucionário do malandro devolvendo pro
otário o que lhe roubou do salário

O tom sexual da política com o corpo te põe de
borco na trama de quem é bom de cama

O tom mágico de que clic clac vapt vupt é tudo um
truque vai tudo bem pra que usar muque?

O tom caótico gestual exótico de que o país é um
pórtico gótico e que tudo o mais é golpe ótico

O tom paternalizante da possibilidade adiante com
a capacidade da formiga e a sutileza do elefante

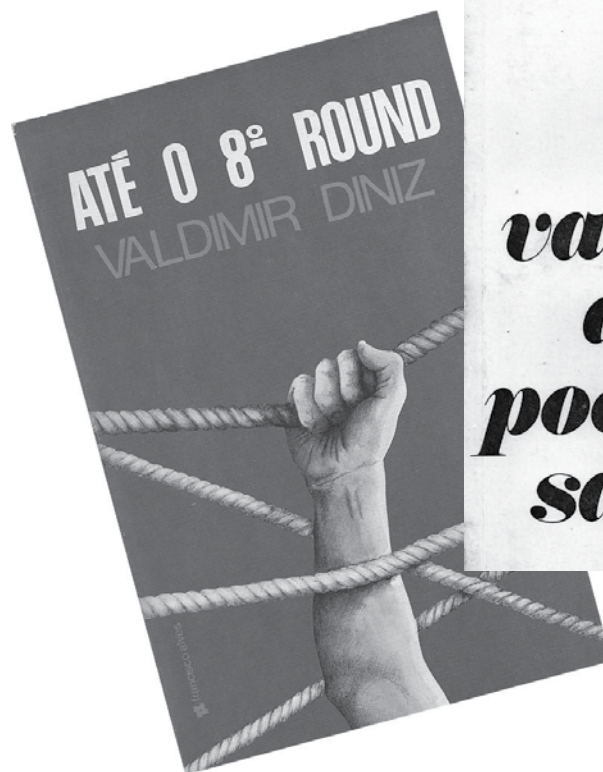
O tom carismático de que se pode num átimo sobre
o povo asmático dos trópicos ao ártico

O tom sutil que ninguém viu na puta que nos pariu
nesse país com céu de anil

Tudo isso de repente tudo isso simplesmente



Carlos Namba



A sombra da palmeira e o mar nas praias
palmeirinha, quem é o ponta esquerda?
terra solta pela terra
lixo em volta: índios andam sobre ela

nada acontece além da calma
com o linho nos varais da serra
palmeirinha, quem é o ponta esquerda?
ou o Grão-Duque rouco sobre a mesa

vomita: PA, pra fora porco
(o baque da comida o empregado limpa)
terra virgem a virgem pela praia
foi boa a renda, um bom espetáculo
a bomba certa no flanco esquerdo
Iracema estava sobre a mesa

palmeirinha, quem é o ponta esquerda?

Iracema de um só seio
e lhe arrancaram este e o debulharam
com lanças e espingardas
o seio central
oh! bye, Iracema, oh! bye

olhou o lixo em volta
terra revolta pela terra e o cacique
cantando um hino
ataduras e fogo onde era o seio

palmeirinha, quem é o ponta esquerda?

Iracema não canta, mas encanta
porque sua lepra, câncer, cirrose, varíola
seio que era seio
nem é lago ou terra bem traçada
como o dia hospitaleiro porque o povo brasileiro
a palmeira secando pelas praças
o cão e o bêbado se escondem nela.

VALDIR DINIZ

O, O, O: PAPAI, MAMÃE & VOVÓ

...canturreaba melodias ni si-
quiera inventadas, melopeas ab-
surdas cortadas por suspiros o
recuerdos.

(Julio Cortazar - Rayuela, 1)



Drum

SILVIANO SANTIAGO

O século 20 é o irmão mais velho do poeta Carlos Drummond de Andrade, que nasceu em Itabira do Mato Dentro no ano de 1902.

Em companhia do irmão mais velho, o menino Carlos vê o sulco de prata do cometa Halley a cortar em 1910 os céus de Itabira. Sabe da Grande Guerra de 1914-1918 pelos jornais da província e, entre germanófilo e descrente, vai trocando as calças curtas pelas compridas. Na década de 1920, já em Belo Horizonte, o rapaz vive a molecagem e a orgia das vanguardas internacionais. A “pedra no meio do caminho”, que publica, será divisora de águas, como uma tela de Pablo Picasso. Prepara-se para a vida pública. Forma-se em Farmácia, faz jornalismo e flerta com a política estadual. Dá certo o namoro com a política e, funcionário público federal na capital da República, descobre-se um poeta preocupado com o Homem, ser rebelde e precário, e com as grandes causas humanistas. Politiza-se à esquerda durante a Segunda Guerra Mundial. Luta com palavras e com outras armas contra a ditadura Vargas, o Eixo e a intolerância nazifascista. Com o russo entra em Berlim. Com o homem do povo Charlie

Chaplin promete destruir o mundo capitalista e com o poeta francês Paul Eluard grafita a palavra Liberdade em todos os muros da cidade. A Segunda Guerra Mundial chega ao fim, cai o Estado Novo. Na busca de coerência entre arte e política, o poeta se filia ao Partido Comunista Brasileiro. Abandona as hostes getulistas, vivendo apenas da sua produção escrita. Ainda juntos – irmão mais velho e irmão mais novo – chegam à idade madura. O poema “Dentaduras duplas” constata: “Rugas, dentes, calva...”.

Já cinquentões, Século & Poeta entram pelos anos 1960. Veem crescer os jovens rebeldes nascidos na metade do século – os filhos de Hiroxima, como se disse na Europa, ou a multidão de universitários pertencentes ao “war baby boom”, como os americanos denominaram o fenômeno de maneira pragmática. São filhos de pais traumatizados pela chacina da guerra, do campo de concentração e da bomba atômica. Ao mesmo tempo, são jovens com o alto nível de escolaridade proporcionado pelas sociedades do Primeiro Mundo. Vivem as riquezas ditas inesgotáveis do após-guerra e o clima da guerra fria.

Os novos universitários são cabeludos e radicais. Embalados pelas drogas e ao som do rock&roll, abrem as portas da percepção e

declaram que os velhos – o século 20 e os nascidos com ele – estão vendidos ao Sistema. Já não prometem destruir o mundo capitalista, começam a apedrejá-lo com os paralelepípedos das ruas de Paris. Se Século & Sistema aceitam de início a luta armada juvenil, amoldando-se aparentemente ao seu gosto anárquico e terrorista, é para logo retomarem o controle da situação. Nas últimas décadas de vida do poeta, Século & Sistema tornam-se repressivos, tradicionalistas e conservadores. Voltam os olhos para os regimes totalitários que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial, para as formas autoritárias de controle da população civil e para a despreocupação da belle époque, fazendo o elogio da sociedade de consumo. O poeta maduro acompanhou o movimento geral do irmão mais velho, o Século 20, e passou a se deleitar com a lembrança da infância feliz em Itabira, ao mesmo tempo em que, no fio de alta tensão da poesia, vivia os valores rurais e patriarcais, inscritos na “tábua da lei mineira de família”. Irmão mais velho e irmão mais novo sobrevivem no futuro do passado. Como diz Drummond em Menino antigo: “Não saí para rever, saí para ver / o tempo futuro”. E na coleção de poemas Esquecer para lembrar, confessa: “Com volúpia / voltei a ser menino”.

mond

Até a década de 1950, o século 20 tinha nascido para as grandes revoluções sociais pregadas pelo determinismo histórico inventado pelo século 19. A estrutura socioeconômica da sociedade nossa contemporânea era idêntica à de um edifício frágil e carcomido, que tinha de ser demolido. No seu lugar, seria levantado o edifício justo e igualitário das utopias socialistas. Esse sentimento leva o poeta a prever: “Que século, meu Deus! diziam os ratos / E começavam a roer o edifício”. De 1970 para cá, estamos compreendendo que o século 20 sobrevive sob o signo de Marcel Proust e de *A la recherche du temps perdu*. Em busca do tempo perdido, acabam todos por passar pela experiência da madeleine e dos avós. Século das biografias e das autobiografias, século dos diários íntimos e das correspondências, século dos romances e poemas que são alimentados pela memória do artista. E tudo porque Freud descobriu, no apagar das luzes do século 19, o inconsciente e a sexualidade infantil.

À medida que Carlos Drummond se aprofunda no inconsciente e na infância, restringe-se sua preocupação com a sociedade universal. Primeiro, restringe-se ao grupo nacional a que pertence e, em seguida, à célula familiar que se responsabiliza por ele. A crise do liberalismo

dos anos 1930, gerada pelos regimes revolucionários tanto da esquerda quanto da direita, cuja redenção estaria na sociedade justa do futuro, acaba por encontrar a solução prática, quando o cidadão descobre a sua comunidade e abandona as utopias universais, autodefinindo-se neoliberal. Ao final do século 20 e no início do milênio, a comunidade é o melhor antídoto contra qualquer pensamento, qualquer ação revolucionária universal. Cultivamos o nosso jardim e redescobrimos o bom senso de Voltaire. A crise do liberalismo, enquanto sistema sócio-político universal, não termina pelas utopias de esquerda ou de direita, mas pela... redescoberta do liberalismo.

Enquanto jovens, Século & Poeta gastam energia na rotina das boas ações sociais e do inconformismo político. Profissionais, racionalizam a integração ao Sistema como inevitável. E maduros, descobrem que eles e todos nós já estávamos no inconsciente e na família. E saímos em busca de nós mesmos. Mais sabidos e mais racionais, empilhamos livros, conhecimento, teorias, e deixamos a ação revolucionária transformadora do planeta para a geração seguinte. Ultimamente, com a ajuda do poeta Mallarmé, andamos redescobrimo que a carne, depois de lidos todos os livros, fica triste. “La

chair est triste, hélas! et j’ai lu tous les livres”. E tome discussão sobre o prazer.

•

O sucesso de público de Drummond, a validade do seu texto em termos estéticos, históricos e sociológicos, a unanimidade em torno da escolha da sua obra poética como a mais significativa do Modernismo brasileiro, tudo isso advém do fato de que a sua poesia dramatiza de forma complexa e original a oposição e a contradição entre Marx e Proust, entre a revolução político-social, instauradora de uma Nova Ordem Universal, e o gosto pelos valores tradicionais do clã familiar dos Andrades, seus valores socioeconômicos e culturais.

Ao fazer essa constatação, evitamos ver o conjunto dos poemas e livros de Drummond como articulados pela sucessão cronológica das publicações, ou como explicados pelo amadurecimento gradual do poeta. Preferimos, portanto, julgar o conjunto da obra como organizado por essas duas linhas de força paralelas e contraditórias. Ao ler os livros reunidos, temos, de um lado, textos poéticos que descrevem longa e minuciosamente o processo de decadência por que passa a oligarquia rural

mineira nos seus constantes embates com a urbanização e a industrialização do Brasil e, do outro lado, poemas que traduzem a esperança em uma frutífera radicalização político-social, oriunda do otimismo gerado pelo movimento tenentista de 1930, otimismo este crítico da oligarquia rural onde, paradoxalmente, se situa o clã dos Andrades. Essas duas linhas de força se afirmam ou se negam, combinam-se, enroscam-se, enlaçam-se, caminham lado a lado, ocasionando a principal tensão dramática da poesia de Drummond.

De maneira nem sempre muito explícita Drummond institui dois mitos como portadores das duas opções poéticas: o mito de começo e o mito de origem.

Por mito de começo entende-se o desejo de Drummond em inaugurar, por conta própria, uma nova sociedade em que pode negar totalmente os valores do passado rural e do clã. Rompe os laços de família, para poder afirmar com convicção e radicalismo os valores de individualismo e de rebeldia que julga justos para o estabelecimento de uma futura sociedade sem classes. Tal mito é representado, desde o século 18 e na primeira poesia de Drummond, pela estória de Robinson Crusoé, “comprida história que não acaba mais”, como está escrito no poema “Infância”, de 1930. Retirado da cultura europeia por causa de desastre marítimo, Robinson arriba sozinho a uma ilha deserta, onde tem de refazer todos os passos culturais do homem. Da solidão passa a descoberta do outro, Sexta-Feira, e se empolga com o retorno à vida social. O mito de começo é um mito de rebeldia, onde trabalho e heroísmo individual se casam. No caso da poesia de Drummond, é mito de negação do Pai como transmissor da cultura, e da Família como determinante da situação socioeconômica do indivíduo na sociedade. O passado não conta, só o presente. O mundo está para ser inventado pelo homem, desde que as mãos da solidariedade sejam dadas. Nos anos de A rosa do povo, Albert Camus torna paradoxal e engajado o cogito cartesiano: “Je me révolte, donc nous sommes”. A conscientização revolucionária da multidão tem a ver com o aprimoramento político do indivíduo enquanto rebelde.

Por mito de origem entende-se a vontade de o poeta Drummond inscrever seu projeto de vida numa ordem sociocultural mineira, em que os valores fortes da individualidade e da rebeldia perdem a razão de ser, já que são meros indícios de insubordinação passageira. Só são válidos e eternos os valores superiores do passado e da tradição. O poeta tira do rosto a máscara de Robinson Crusoé e descobre que, em si, nada vale: ele só é alguma coisa quando se identifica ao clã dos Andrades e é legitimado por ele. A ação do poeta na terra não é uma aventura robinsoniana. A curta aventura humana no planeta é uma aproximação infinita da sabedoria dos antigos por uma nova geração, sempre menos preparada. Retorna o Filho à casa do Pai, para que, depois da insubordinação juvenil, possa assumir o seu lugar na família; volta ao lar para que seja o futuro Patriarca. Tal forma de exigência social está autenticada pela fé religiosa do grupo social – o catolicismo. A transmissão dos bens culturais se dá pela herança, assim como a transmissão dos bens econômicos. Ao se inserir na família mineira cristã e patriarcal, o poeta transcende sua vida e seu tempo, revelando seu eu autêntico na eternidade. O eu

autêntico não é produto da alteridade rebelde e heroica, mas é a reprodução do mesmo, que se perpetua pela cadeia do sangue. Diz o poema “Raiz”:

OS PAIS PRIMOS-IRMÃOS
AVÓS DANDO-SE AS MÃOS
OS MESMOS BISAVÓS
OS MESMOS TRISAVÓS
OS MESMOS TETRAVÓS
A MESMA VOZ
O MESMO INSTINTO, O MESMO
FERO EXIGENTE AMOR
CRUCIFICANTE
CRUCIFICADO

Rebeldia, insubordinação e aventura revolucionária, de um lado; arrependimento, reconhecimento tardio e obediência aos valores familiares, do outro.

•

Já em poema que leva o sugestivo título de “Infância”, publicado em 1930, a não identificação com o Pai (e com a Família) vem associada com a leitura da estória de Robinson Crusoé:

MEU PAI MONTAVA A CAVALO, IA PARA O CAMPO.
MINHA MÃE FICAVA SENTADA COSENDO.
MEU IRMÃO PEQUENO DORMIA.
EU SOZINHO MENINO ENTRE MANGUEIRAS
LIA A HISTÓRIA DE ROBINSON CRUSOÉ.
COMPRIDA HISTÓRIA QUE NÃO ACABA MAIS.

Próximo dos seus, mas sozinho, o menino, com o livro nas mãos, começa a viver como se estivesse numa ilha banhada de mangueiras por todos os lados. Isola-se a criança quando o pai parte para o campo, a mãe se entrega à costura e o irmão mais novo ao sono. Nessa área de auto-exclusão, a criança compensa a falta de companhia familiar, vivendo em aberto a aventura do livro. O menino vive como se fosse o próprio Robinson e, ao identificar-se a ele, admite como regra de vida a moral do tudo é permitido dostoievskiano. Quando a criança joga o livro para o lado, dá-se a “Iniciação amorosa”:

A REDE ENTRE DUAS MANGUEIRAS
BALANÇAVA NO MUNDO PROFUNDO [...].

E COMO EU NÃO TINHA NADA QUE FAZER VIVIA
NAMORANDO
AS PERNAS MORENAS DA LAVADEIRA.
UM DIA ELA VEIO PARA A REDE,
SE ENROSCOU NOS MEUS BRAÇOS,
ME DEU UM ABRAÇO
ME DEU AS MAMINHAS
QUE ERAM SÓ MINHAS [...].
UMA LAVADEIRA IMENSA, COM DUAS TETAS IMENSAS,
GIRAVA
NO ESPAÇO VERDE.

Longe da vida-em-família, no espaço de mangueiras, “espaço verde” (diz o poema), se situa a área do individualismo e da liberação e, também, da aventura sexual. Julgando-se um novo Robinson, o menino pratica ações transgressoras sem que sobre ele recaia julgamento moral ou social. Tudo o que é proibido na área familiar pode ser desejado e obtido na área de exclusão: a lavadeira “me deu as maminhas/ que eram só minhas”. O texto poético que fala de Robinson é também o texto que canaliza o discurso sexual transgressor.

Se os poemas que seguem a estrutura provinciana que estamos revelando se orquestram em clave individual, diferentes são os poemas onde a rebeldia robinsoniana quer afirmar-se num centro urbano, cosmopolita, longe muito longe de Itabira. Ao se alongar para a capital da República, onde Getúlio Vargas usurpa o poder, e ao se propagar pelo mundo conturbado pela Segunda Guerra Mundial, a revolta que se dava contra a família visa a uma práxis política imediata e revolucionária que questiona não só a oligarquia rural como toda a organização socioeconômica e política do Ocidente. A rebeldia solitária quer transformar-se em práxis marxista. Diz o poema “Nosso tempo”:

O POETA
DECLINA DE TODA RESPONSABILIDADE
NA MARCHA DO MUNDO CAPITALISTA
E COM SUAS PALAVRAS, INTUIÇÕES, SÍMBOLOS
E OUTRAS ARMAS PROMETE AJUDAR
A DESTRUÍ-LO
COMO UMA PEDREIRA, UMA FLORESTA,
UM VERME.

Chega o momento em que Drummond quer manter o almejado diálogo com o operário, atravessando – como prega Marx no Manifesto comunista – as barreiras de classe: “[...] hoje uma parte da burguesia passa-se para o lado do proletariado, principalmente o setor dos ideólogos burgueses que chegaram a compreender teoricamente o movimento histórico em seu conjunto”. Leiamos trechos do poema “Operário no mar”:

NA RUA PASSA UM OPERÁRIO. [...] PARA ONDE VAI O
OPERÁRIO? TERIA VERGONHA DE CHAMÁ-LO MEU IRMÃO.
ELE SABE QUE NÃO É, NUNCA FOI MEU IRMÃO, QUE NÃO
NOS ENTENDEREMOS NUNCA. E ME DESPREZA... OU TAL-
VEZ SEJA EU QUE ME DESPREZE AOS SEUS OLHOS. [...] SIM,
QUEM SABE SE UM DIA O COMPREENDEREI?

Poema das perguntas e da insegurança, do compromisso e da dúvida ideológica, da compreensão da marcha da história e das fraquezas do indivíduo frente a ela, “Operário no mar” é também onde se percebe nítida a negação de uma esquerda festiva em Drummond. Se houver compromisso do poeta com o operário, não haverá paternalismo. Para o intelectual pequeno-burguês é fácil dar o operário como irmão nas suas investidas literárias, mas não o é no seu dia-a-dia profissional e político. Entre o Operário e o Poeta, ergue-se a muralha da classe e da desconfiança mútua.

•

Não se pense que o mito de origem venha depois, ou antes, do mito de começo numa ordem evolutiva ou histórica. No discurso poético de Drummond, os dois mitos coexistem e são responsáveis pela alta tensão dramática que salta de seus poemas, de seus livros. Se fosse preciso definir a integração dos dois mitos no todo do discurso poético drummondiano, teríamos de falar de recalque. Quando o mito de começo é recalcado, é porque brotam na superfície do poema os elementos do mito de origem – e vice-versa.

Assim é que o reconhecimento pelo poeta dos valores do clã dos Andrades é anunciado como “viagem de regresso”. Viagem de regresso ao “país dos Andrades”, com o fim de conhecer as figuras familiares que abandonam o menino entre mangueiras e são abandonadas por ele a partir do momento em que passa a viver na revolucionária ilha robinsoniana. Manifesta-se pleno o desejo de conhecimento do mecanismo social, da identidade única que organiza o relacionamento entre todos os membros do clã: “Que há no Andrade/ diferente dos demais?/ Que de ferro sem ser laje?/ braúna sem ser árvore?”.

Em viagem de regresso à área familiar, o Poeta reencontra os valores silenciosos do seu clã, da sua família nuclear e, pouco a pouco, compreende sua discreta e tirânica razão de ser, isto é, seu poder de funcionamento alheio à vontade e aos anseios mais fortes do menino solitário e do homem precário e rebelde que se politizou à esquerda.

Foi preciso que o menino Drummond perdesse primeiro os familiares, foi preciso que o poeta maduro construísse um mundo utópico alheio a ele, para que depois, ao final da vida, os recuperasse pela palavra poética na série de livros intitulada Boitempo. Leiamos o poema “Comunhão”. De início o Filho se situa fora da roda do clã, em atitude de distanciamento e de contemplação. As figuras da roda – descobre ele quando vê a cena do centro – não têm faces e só são reconhecíveis pelo que dizem em silêncio. Do momento em que o excluído entra na roda

da família, abandonando a sua posição de espectador, ilumina-se toda a cena, todas as faces anônimas se acendem. O Filho assume a família no momento em que aceita sentar no lugar vazio que estava à sua espera, previsto e designado para ele pelos antigos.

TODOS OS MEUS MORTOS ESTAVAM DE PÉ, EM CÍRCULO,
EU NO CENTRO.
NENHUM TINHA ROSTO. ERAM RECONHECÍVEIS
PELA EXPRESSÃO CORPORAL E PELO QUE DIZIAM
NO SILÊNCIO DE SUAS ROUPAS ALÉM DA MODA
E DE TECIDOS [...]
NOTEI UM LUGAR VAZIO NA RODA.
LENTAMENTE FUI OCUPÁ-LO.
SURGIRAM TODOS OS ROSTOS, ILUMINADOS.

Ao se identificar aos familiares mortos, o poeta esboça um primeiro passo em busca da origem e de seus valores sociais e econômicos. A figura do Pai, de longe e em aparente descaso pelo Filho, arma o palco da origem. Nele, o Poeta, como novo filho pródigo, representa a volta ao lar, desmistificando a artificialidade de sua palavra de começo. Representativos da dramaticidade do conflito entre indivíduo e família, entre começo e origem, são alguns versos de “Como um presente”, poema escrito para comemorar o aniversário do pai já morto:

A IDENTIDADE DO SANGUE AGE COMO CADEIA,
FORA MELHOR ROMPÊ-LA. PROCURAR MEUS PARENTES NA
ÁSIA,
ONDE O PÃO SEJA OUTRO E NÃO HAJA BENS DE FAMÍLIA
A PRESERVAR.
POR QUE FICAR NESTE MUNICÍPIO, NESTE SOBRENOME?
TARAS, DOENÇAS, DÍVIDAS, MAL SE RESPIRA NO SÓTÃO.
QUISERA ABRIR UM BURACO, VARAR O TÚNEL, LARGAR
MINHA TERRA,
E INAUGURAR NOVOS ANTEPASSADOS EM UMA NOVA
CIDADE.

O poeta teria querido apagar da memória todo traço de hereditariedade e o peso da responsabilidade para com os antigos; teria querido circunscrever só para ele a existência dentro de uma redoma neutra, pouco exigente e inaugural, semelhante a uma tábula rasa. Restaria, pois, ao poeta pôr em prática um absurdo paradoxo: “inaugurar novos antepassados em uma nova cidade”. Mas sob o signo de Proust e do tempo perdido, são os antepassados que, ao ditar autoritariamente nossos passos e nossas normas de comportamento, nos inauguram, determinando-nos social e economicamente.

Contra o paradoxo da rebeldia contra os antigos se insurge, à maneira de vacina instilada gota a gota, a ciência do sangue que, como diz o poema, “é soprada por avós tetravós milavós”. E é através do lento aprendizado da ciência do sangue que se recebem os bens de família, bens simbólicos que, em última e derradeira instância, determinam a posição sócio-política e econômica do Poeta. Seu lugar no clã dos Andrades, o lugar do clã na comunidade, na Nação. Inexoravelmente, tradição e conservadorismo invadem as páginas do tardio Proust mineiro, confundindo-se nos poemas o patriarcalismo na família e o mandonismo na vida política local. Patriarca e coronel ressurgem das cinzas pela força da palavra poética: o futuro do passado.

•

Como estamos vendo, existem pelo menos dois Drummonds na sua poesia. O primeiro compreendeu de maneira inigualável “o tempo presente, os homens presentes”. Teria se assustado com o trabalho sangrento que o bisturi poético faz nas chagas sociais do nosso tempo? Escreve em *Claro enigma*, livro publicado em 1951: “Escurece, e não me seduz / tatear sequer uma lâmpada. / Pois que aprouve ao dia findar, / aceito a noite”.

Na década de 1950, Drummond passa o bastão de revezamento da crítica social para o jovem João Cabral de Melo Neto. Este, ao abandonar a estética mallarmaica então em vigor, busca uma poesia de maior eficácia política. Receoso do compromisso ético e ideológico que o sujeito do poema pode manter com o assunto tratado, João Cabral resolve retirar do discurso poético todo resquício de subjetividade, como se dá no poema dramático *Morte e vida Severina*. Como bom fenomenólogo que é, haja vista a discussão sobre teoria poética que está na plaquete *Psicologia da composição*, Cabral mostra a miséria nordestina tal como ela é, e não tal como o diplomata ou o Poeta a vê.

Por outro lado, Cabral evitou o perigo que Drummond, o segundo Drummond, assumiu autobiograficamente: conhecer em profundidade todos os valores que determinaram o homem-poeta no processo de sua realização econômica, social e política. E esses valores – espero que tenha ficado claro – são os valores do velho latifúndio mineiro. Ao assumir o discurso do Pai, do Patriarca, Drummond foi-se esquecendo de continuar a esquadrihar com os olhos o caminho de luz que os faróis do carro poético abriam à sua frente, como o tinha feito em *Sentimento do mundo*. Passou a ficar embevecido com a paisagem antiga que lhe enviava o espelho retrovisor. Instalado de novo – e poeticamente – no antigo Sobrado mineiro, descobre-o muito acima dos mortais. Entre o Sobrado e a Rua, uma escada reveladora:

É TEATRAL A ESCADA DE DOIS LANCES
ENTRE A RUA E OS ANDRADES.
ARMADA PARA A ÓPERA? OU PONTE
PARA MARCAR ISOLAMENTO?



SILVIANO SANTIAGO

é professor de Literatura, ensaísta, poeta, contista e romancista. O texto aqui reproduzido foi lido pelo autor na conferência de abertura da 10ª Flip - Festa Literária Internacional de Paraty, no dia 4 de julho de 2012.

Cinco charadas sobre o tempo

CONTOS DE ANA CECÍLIA CARVALHO

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA

1. • Você tem um inimigo oculto. De sua fresta dissimulada ele espreita, inquieto, enquanto você passa tranquilamente na direção do trabalho, do seu amado, do seu sucesso. Ele gostaria de reter você nas garras agudas de alguma doença incurável, realizar o seu estrangulamento industrial. Não deixe que ele o consiga. Deixe-o sim vivo de ódio e de despeito. Ele pode procurar outra pessoa e, se for satisfeito, você há de se tornar comum. Uma pessoa cheia de amigos é muito monótona.

Você tem um inimigo oculto. Cultive-o sem cessar. Desde já mantenha-o dentro da sua rede social. Não deixe que ele esmoreça. Ele é tão precioso quanto o seu melhor amigo. É uma sorte ter esse inimigo, apesar do paradoxo da situação. Ele teme você. Isto é sinal de respeito.

O MOTIVO

2. • “É esse seu modo de não saber as coisas”, ela disse, “essa sua incompreensão. Olho no espelho da sua casa e me perturbo: o branco está manchado de branco. É essa sua partida, essa sua volta, a sua inquietação. Olho o dia e a noite, olho o tempo todo e sempre. O relógio branco e os ponteiros manchados que marcam uma hora manchada. É esse meu modo de morrer, essa sua eterna anulação.”

O SENTIDO PERDIDO

3. • Percebo você, apesar de escondido entre as sombras. Sinto que está aí. Sinto seu cheiro de passado, a sua saudade entre as sombras. Na entrada da minha casa, adianta-se o seu contorno hesitante. Quase toco em seu cansaço. Você caminhou toda uma vida, descendo as serras, na lentidão dos séculos. Conheço suas mãos magoadas, seus lábios secos, seus pés sem esperança, seu desânimo. Entendo que você queira voltar. Não tenha medo. Minhas noites são como as suas. Vem juntar-se a mim antes que o futuro ouça a sua canção póstuma.

SEM TEMPO

4. • Às vezes, quando me levanto, a manhã parece ter retrocedido. São as escuras falhas na paisagem, os ardis que o tempo preparou. O sol tem rugas e a terra sofreu um desvio na sua rotação. O mar vazou e o que restou, cobriu-se de cordas e gelo. Às vezes, quando me levanto, o futuro parece estar mendigando o meu presente à minha porta.

PEQUENO ENSAIO SOBRE A VINGANÇA

5. • Sua cabeça deitada, inclinada sobre as folhas, alheia ao som das formigas. Seu rosto meio coberto pela página do jornal. Sua mão esquerda segurando o único botão da camisa (coisas que observei naquela tarde). A morte esfriava o café em cima da mesa. Pensei que a mulher na televisão deveria parar de chorar. Examinei o resto do jornal e a xícara de café. Ninguém voltaria mais tarde para acender a luz ou chamar você para o jantar. O vento entrou gelado pela janela entreaberta. Você para sempre alheio ao choro da mulher na televisão. “Tome notas, meu caro Watson”, ecoou Sylvia Plath no fundo da minha memória, “Este é um caso sem corpo; o corpo não entra nisso de modo algum.”

Ajoelhei-me para ver o estrago mais de perto. Nenhuma letra datilografada sob a unha do dedo anular. Nenhuma dançarina de cabelo alaranjado que voltasse rodopiando nos próximos episódios, como em Twin Peaks. Apenas o coração exangue, desfeito pelo imenso golpe proporcional àquilo que, em seu assassino, teria buscado uma reparação.

ANA CECÍLIA CARVALHO

é psicanalista e escritora, autora de *Uma mulher, outra mulher* (Ed. Lê, 1993), *A poética do suicídio em Sylvia Plath* (Ed. da UFMG, 2003), *O livro neurótico de receitas* (Editora Ophicina de Arte&Prosa), entre outros.

UMA VOZ
FEMININA EM

BUENOS

SILVINA OCAMPO

Poeta, contista e romancista, a argentina Silvina Ocampo, nascida em Buenos Aires em 1903, formou com Jorge Luís Borges e Adolfo Bioy Casares, seu marido, e mais alguns futuros grandes escritores porteños, um dos principais grupos literários da América do Sul no século passado.

Dirigiu, com sua irmã Victoria, a famosa revista *Sur*, por onde transitaram algumas das mais importantes figuras do que viria a ser o boom da literatura latinoamericana que tanto impacto causou na literatura mundial.

Sua obra abrange diversos gêneros impressos em livros de contos, de poemas, romances — alguns destes vertidos para o cinema —, tendo colaborado com Borges e Bioy Casares na compilação do material que formou a *Antologia de Literatura Fantástica* (1940) e a *Antologia Poética Argentina* (1941), marcos das letras daquele país.

Morta em 1993, aos 90 anos de idade, ela ainda está sendo “descoberta” pelos leitores.

Aqui, numa seleção de suas frases feita por Humberto Werneck, alguns momentos do talento de Silvina.



AIRES

"QUE FELIZES SÃO AS CRIANÇAS! PODEM SER LOUCAS."

"TODA A VIDA É UM PROCESSO DE ASSOMBROS POR COISAS
ESPERADAS OU PERDIDAS."

"DEUS NOS ESCUTAVA QUANDO NÃO SABÍAMOS FALAR."

"A HONESTIDADE É ÀS VEZES MUITO INVEJOSA."

"ACREDITAMOS NAS MENTIRAS E DUVIDAMOS DA VERDADE
PELOS MESMOS MOTIVOS."

"DESPERTA MEUS CIÚMES INJUSTAMENTE E TE AMAREI."

"NÃO TER NADA ENSINA A NÃO NECESSITAR DE NADA."

"A CONTEMPLAÇÃO É A ÚNICA COISA QUE NOS
RESTA DE DEUS E DOS ANIMAIS."

"AMAR NOS TOMA MAIS TEMPO DO QUE PODEMOS DISPOR."

POEMAS

3

POEMAS

de

RODRIGO GARCIA LOPES

ANATOMIA
DA RIMA

Não existem rimas pobres.
 Todo som, sim, é artifício
 que o tempo atrita e consome.
 Vento metafísico, isto
 que nos cobre, palavra
 soprando de Provença
 ou greta na rocha, resma
 de avenca que avança —
 repetição na diferença.
 Tudo rima com alguma
 coisa, contanto não seja rara
 Naja desnuda penumbra
 Ou pegue de raspão, toante,
 as palavras que instantes antes,
 eram caligrafia da fala,
 espécie de fada, cabala.

ALBA

É muito cedo para ser manhã.
 Quietos demais para ser dia,
 É uma sílaba aflita quase dita,
 Invisível acorde em lá,
 Presságio de sombra ali. Há
 Uns sinos tocando-se de leve
 Na mente ainda sem neve.
 Tudo ficou para amanhã:
 A morte, a história, a hora h.
 É bom demais para ser verdade.
 E é quase tarde para ser agora.

O LIVRO
DE CABECEIRA

you viveu tanto
 pra nada daquilo acontecer
 you apenas esperou
 o tempo da sua desgraça
 que era este
 rente a seus pés
 you amou tanto
 mas foi incapaz de deixar
 na pele da sua amada
 uma linha sequer

RODRIGO GARCIA LOPES

é paranaense, jornalista, compositor e editor da revista *Coyote*. Tem vários livros de poesia publicados e traduziu o livro *Folhas de relva*, de Walt Whitman.

A ATEMPORALIDADE UNIVERSAL DE DOM QUIXOTE, O CAVALEIRO DA TRISTE FIGURA

ELISABETO RIBEIRO GONÇALVES

AMO TANTO

E DE TANTO AMAR

ACHO QUE ELA É

BONITA...

(TANTO AMAR, CHICO BUARQUE)

Por que ler o *Dom Quixote* de Miguel Cervantes Saavedra? Talvez melhor perguntar antes: por que ler os clássicos? Uma obra literária, como o *Dom Quixote*, é rotulada de “clássica” porque é capaz não só de perpetuar-se no tempo, mas – e isso é o mais importante – pode ser constantemente reinterpretada por seus leitores. Um clássico deixa de pertencer ao seu autor, pois cada leitor o lê de maneira desigual e o mesmo leitor o interpreta diferentemente a cada vez que o compulsa. Publicado no início do século XVII, li-o pela primeira vez há uns 40 anos, mas o *Dom Quixote* de minha última leitura já não é o mesmo. Cada releitura traz emoções novas, novas descobertas, lições subitamente desvendadas e, ao final, nem o livro nem o leitor somos os mesmos da leitura inicial.

Por isso, é tarefa difícil resumir em pouco espaço o que *Dom Quixote* significa. Mas alguns aspectos, entre centenas, me chamam a atenção. O personagem de Cervantes inaugura a galeria dos heróis cristãos, isto é, aqueles para quem as vitórias são suas próprias derrotas. Cristo deu o primeiro exemplo. Não foi seu calvário e morte que possibilitaram a perenização e vitória de sua pregação e missão terrenas? Os heróis clássicos (e há tantos deles) colhiam em vida os louros e as recompensas de sua força física, do talento, de seus feitos sobrehumanos; cada porfia lhes dava uma vitória e em cada vitória crescia a fama, o prestígio, quando não seus cabedais terrenos.

Dom Quixote não. Disposto a imitar os feitos da cavalaria andante, motivo de vasta e apreciada literatura da época, Dom Quixote só amalhhou fracassos. Dizendo-se endireitador de tortos e desfazedor de agravos, defensor das donzelas, amparador das viúvas desconsoladas e socorredor dos órfãos, oprimidos e necessitados, nunca conseguiu realmente traduzir suas nobres intenções em realizações concretas. Dom Quixote era um personagem humano, até no físico, segundo descrição de Sancho Pança: rijo de compleição, seco de carnes, enxuto de rosto,

madrugador, e amigo da caça. Também não tinha nenhuma intimidade com os deuses para lhes pedir ajuda, e seus desejos refletiam bem sua condição de um mortal qualquer quando, ao aguardar comida na estalagem, exigia: seja porém o que for, venha logo, que o trabalho e peso das armas não se pode levar sem o governo das tripas. O que dava energia a seu corpo e mente combalidos era o estômago cheio, exatamente como acontece conosco. Por isso, o Dom Quixote somos nós, mulheres e homens. Tinha os nossos defeitos, nossas virtudes e até nossa loucura. O Dom Quixote, por suas extravagâncias, seu destemor irresponsável, suas alucinações e pela idealização de Dulcineia do Toboso como modelo de suprema beleza, talvez tenha sido o único herói verdadeiramente humano da extensa literatura universal. Dulcineia, uma camponesa sem nenhum encanto particular, rende páginas de comovente delírio. Respondendo a Vivaldo que lhe pediu para descrever Dulcineia, Dom Quixote, enamorado e orgulhoso, diz: sua qualidade há de ser, pelo menos princesa, pois é rainha e senhora minha e sobrehumana sua formosura. Sancho Pança, seu fiel escudeiro, rústico, prático e sem papas na língua, dá a descrição verdadeira de Aldonza Lorenzo, a amada de Dom Quixote, e rebatizada por ele de Dulcineia: é um raparigão de truz, direita e desempenada, e de cabelinho na venta. Esse amor de Dom Quixote por Dulcineia é um amor essencial e absolutamente libertador. Dom Quixote pratica a doação de si mesmo a um ente amoroso que ele mal conhece e, portanto, se não pode esperar dele nenhuma retribuição, nenhum compromisso, também está livre das exigências, do ciúme e caprichos da pessoa amada. O amor de Dom Quixote por Dulcineia é, enfim, um amor sem tragédias, ao contrário, por exemplo, da paixão de Abelardo por Heloisa e de Fausto por Margarida. Dom Quixote, quixotesicamente humano, ama a humanidade em Dulcineia e a ela (à humanidade? à Dulcineia?) faz a doação total de si mesmo.

Outro aspecto extraordinário no *Dom Quixote*: sua leitura não requer nenhum escólio, nenhum conhecimento prévio, nenhum pré-requisito intelectual para entendê-lo e comover-se com ele. San Tiago Dantas em seu *Dom Quixote*, um apólogo da alma ocidental (1947), já observara essa característica quando diz: assim como o sentido profundo de certas obras é defendido pelas obscuridades indecifráveis que o rodeiam, assim o enigma do *Dom Quixote* está preservado pela sua inviolável simplicidade. Cervantes com seu *Dom Quixote* ridicularizou a erudição pernóstica, afetada, de sua época, que tinha em Luis de Góngora y Argote (contemporâneo de Cervantes) seu expoente máximo. O mesmo que fizera Erasmo de Rotterdam em seu *Elogio da Loucura*, de 1509.

Tomemos outros dois clássicos: Milton, de *Paraíso Perdido*, e Dante Alighieri, de *A Divina Comédia*. Não podemos degustar essas duas magistrais obras sem noções mínimas de filosofia, teologia, história, teogonia, mitologia e religião. Milton coloca Adão e Eva, antes da queda, a discutir com o próprio Deus, o arcanjo Gabriel e Satã questões complexas sobre o Gênesis e o conhecimento proibido. Dante nos leva a labirintos e patamares complicados para nos dar ciência do julgamento que faz de personagens históricas, normalmente estranhas ao leitor menos





Reprodução de desenho de Pablo Picasso (1955)

atento. Já o interlocutor do Dom Quixote é o modesto aldeão Sancho Pança, quando não gente do povo, pessoas humildes e ignorantes umas, arrogantes e salafrárias outras, como a própria humanidade.

Finalmente, a sacada genial, a meu ver, de Cervantes em sua novela *O Cavaleiro da Triste Figura*. Dom Quixote é um visionário, um louco, de miolo mole de tanto ler e se enfronhar nos feitos dos heróis da Cavalaria Andante que abundavam na época. Suas aventuras estapafúrdias, seu amor idealizado, seu desejo de reparar injustiças, seu desprezo pela própria vida, sua renúncia a bens materiais, sua solidariedade radical e descompromissada, seu envolvimento com o sofrimento alheio, real ou imaginário, são coisas que só um louco tem, imagina e faz.

Ao final, quando a família consegue localizá-lo, já doente e combalido, e o leva para morrer em casa, ele, no seu leito de morte, desabafa com sua sobrinha: tenho o juízo já livre e claro, sem as sombras caliginosas da ignorância com que o ofuscou a minha amarga e contínua leitura dos detestáveis livros das cavalaria. E completa Dom Quixote já na presença também de seus amigos, Pedro Alonso, o cura, o Bacharel Sansão Carrasco, e Mestre Nicolau, o barbeiro: daí-me alvíssaras, bons senhores, que já não sou Dom Quixote da Mancha, mas sim Alonso Quijano; já não sou inimigo de Amadis de Gaula e da infinita caterva de sua linhagem; já me são odiosas todas as histórias profanas de cavalaria andante; já conheço minha necedade e o perigo em que me pôs o tê-las lido; já por misericórdia de Deus, e bem escaldado, as abomino.

Nesse momento, prestes a morrer, ele realmente enlouquece. Enlouquece porque renega a seu sonho, ao seu espírito aventureiro, combativo, desafiador. Ele se acomoda a sua antiga apatia para gáudio da família e dos amigos. Nada mais de bater-se contra o gigante Alifanfarrão, de atirar-se contra moinhos de vento, de lutar contra exércitos de carneiros, de desafiar leões, de fazer piruetas na Penha de fraldas de camisa em louvor de sua amada Dulcineia. Dom Quixote, ao reincorporar o pacato Alonso Quijana enlouquece, perde a saúde mental de que sempre gozou em suas andanças e desafios pelos tortuosos caminhos da Mancha. Resumindo, em *Dom Quixote* loucura é sanidade e sanidade é loucura. O homem não vive sem seu sonho, por mais extravagante e insensato que seja. Fernando Pessoa, outro clássico, capta essa imperiosa necessidade da humana loucura quando escreve: sem a loucura que é o homem mais que a besta sadia, cadáver adiado que procria? Esses são alguns dos ensinamentos da magistral e inimitável novela do Cavaleiro da Triste Figura. Vale a pela lê-la? Sim. Uma vez? Não, centenas..

ELISABETO RIBEIRO GONÇALVES

é Diretor Clínico do Instituto de Olhos de Belo Horizonte e membro vitalício do Conselho de Diretrizes e Gestão do Conselho Brasileiro de Oftalmologia.

RICARDO TEIXEIRA DE SALLES

Ao buscar expressar suas verdades e expor seus sentimentos, o poeta faz das palavras um termo superior à gramática superficial das expressões. Não é um simples empilhador de palavras. É um estudioso obcecado pela prática das gramáticas sintáticas e lexicais. Porque ele pretende assegurar que a palavra seja parte constituinte do poema, não como registro de um fato, mas como expressão de um sensível ver, absorver e criticar. A palavra, no poema, traduz a emoção de um fato visto, vivenciado ou sonhado. O verso é a figuração do mundo. O mundo, por sua vez, é uma projeção da razão de nosso sentimento no contexto do poema. O poeta não empilha palavras. Nem pode. Porque o poema é uma proposição para estabelecer um parâmetro original visando expressar o signo que tal palavra procura representar.

Diz Wittgenstein que “a figuração lógica dos fatos é o pensamento”. A lógica do poema poderia arriscar a dizer, é a aparência da sensibilidade tornada pensamento de poesia. A lógica dos fatos são as peculiaridades

O verso é a f

regionais e nacionais, ou específicas do **mundo** do poeta, determinantes na elaboração de sua obra. Isto irá fazer germinar uma ampla diversificação de vozes, ou do fazer poético, quando este fazer se pauta, ou nasce motivado exatamente pelas tensões e conflitos que circundam, ou impulsionam o homem/poeta na vida.

O poeta busca com afínco uma miragem composta de palavras. Ou cultiva uma floresta feita de palavras: seu idioma natal. Floresta com a qual ele pretende se impregnar de poesia. Da poesia que ele quer usar para transcender as fronteiras da criatividade. E, principalmente, transcender as fronteiras de seu próprio eu. O poeta almeja a perfeição da palavra solar, prenhe de significados tensionados pela emoção. E pela

PALAVRA SOBRE PALAVRA: POESIA

ilusão e pelo devaneio. E, mais do que tudo, pela independência do sentido contido na palavra que ele usa para explorar e questionar as vicissitudes do homem ou revelar seus anseios e vislumbres. Conquistas e perdas. Amor e liberdade. Protesto e aclamação.

As palavras são as peças do jogo da imaginação, jogo que transforma, em sentido de poesia, a predicação do sentimento contido na intenção do poeta se expressar. O que estabelece, por sua vez, a natureza desse discurso poético é a afinação da sensibilidade do perceber, sentir e traduzir a plenitude da identidade daquilo que foi vivenciado e absorvido.

O valor da proposição das palavras reside na função destas palavras. *“O verbo situa-se à beira do discurso, na juntura do que é dito e do que se diz, exatamente aí onde os signos estão em vias de se tornar linguagem”*, escreve Foucault, em *“As palavras e as Coisas”*. Exatamente aí, entra em cena o poeta. Ou seja, entra no palco da vida para ser, utilizando-se das palavras, um escultor de sentidos. Sentidos no que dizem respeito a

dissonâncias e ações pertinentes à matéria e ao espírito que caracterizam a essência do homem em seus intentos de vida.

Palavras são hábitos, desejos, paixões e experiências. Palavra é o único passaporte para a liberdade do homem, quando ele pretende lutar, ou trabalhar com intensidade, por sua própria individualidade. A palavra é o meio que possuímos para sairmos de nós mesmos, para conquistarmos o tempo e o espaço de participação no mundo que continuamente construímos, para nele vivermos. Sejam quais forem as palavras de ordem. Ou desordem.

Palavra é a sensibilidade para externarmos aquilo que nos foi possível experimentar, com todas as nossas forças. E, desse modo, buscar discernimento e clareza na leitura do livro da vida. Sem a palavra o mundo se faz como que subserviente a uma ordem estúpida de frustração, de vazio e desrazão. A palavra é a ordenação do estabelecimento e da determinação de um ato pela consequência dela própria, palavra. *“O que o poeta almeja é uma novidade de combinações que surgirão ao ouvinte ou*

figuração do mundo.

emoções e significados. A palavra desdobrando-se em palavras, a emoção sonhada e a emoção vivida com a intensidade daquilo que Otávio Paz diz: *“... o assombro de vivermos.”*

Necessário que as palavras se achem no poema como o sol na vida. Ainda que discutíveis, mas autênticas, especialmente quando nascidas no devaneio, uma das vias de acesso à poesia, como ensina Bachelard. Afinal, poesia é o exercício da paixão pela vida. Através das proezas do pensar, verbalizar emoções é o que o poeta faz com as palavras. Escrever poesia é realizar a coesão do perceber para interpretar o acontecido, ou o idealizado, potencializando o pensamento (dramático/lírico) reflexivo sobre o sentido do ser humano. Sentidos tais como ideais, valores,

ao leitor uma auréola ou uma esfera iluminada de sentidos perceptíveis e de energia radiante ao mesmo tempo capaz de ser compreendida e de enriquecer (transcendendo) o que já existe.” (George Steiner)

Se todas as palavras já foram pensadas e usadas, surge o papel do discernimento humano que é, principalmente, o reflexo do que as palavras significam como resultado puro e simples das conquistas que o homem realiza. Apesar de todas as desgraças que comete ou provoca. Pois o homem é conquista da leitura, conquista da compreensão. Conquista da escuta (aprendizado), da palavra que constrói e expressa o vernáculo de amor à vida. E conquista, mais do que tudo, do discernimento que estabelece a correlação entre consciência e palavra.

RICARDO TEIXEIRA DE SALLESS

mineiro de Belo Horizonte, é poeta e artista plástico.



CONTO DE ROSÂNGELA MALUF

Quase todas as manhãs, antes que eu saísse em direção à garagem, a porta do 605 se abria e o novo vizinho aparecia quase à minha frente. Há pouco tempo morando no prédio, estávamos, pois, os dois, no mesmo andar. Distantes apenas alguns metros, a casa dele da minha. Bom dia, ele dizia com voz meio aguda enquanto colocava o lixo do lado de fora. Bom dia, eu respondia. Boa noite, eu o cumprimentava e boa noite, bom descanso, respondia ele. Assim fomos nos falando por certo tempo, frases curtas, sem sentido algum, nada mais que sorrisos, bons dias, como vamos, boas noites.

Naquela manhã houve interrupção de luz, justamente em hora de maior movimento quando todos saíam para a guerra diária. Atrasados para o trabalho, segunda feira, sempre um caos! Irritação, impaciência... Sem energia elétrica, o portão eletrônico não funciona. Quem tem

a chave da fechadura do portão? Ninguém respondeu. A modernidade nos fazendo escravos da tecnologia, nos tornando dependentes de toda porcaria eletrônica que só serve para nos estressar: num dia é o controle remoto que pifa, no outro a pilha do controle está fraca e, como hoje, pane elétrica - nada do portão se abrir! Aparece o vizinho do 605 com o saco de lixo em uma das mãos e na outra a bendita chave. Fomos salvos, acho. Alívio geral. Rapidamente posicionados em seus volantes e, como numa largada de Fórmula Um, se foram todos em direção aos seus respectivos fronts de batalha, linhas de frente. Fiquei por último, resistindo em meu bunker pessoal. Falei com o meu vizinho como de costume, o mesmo sorriso, o mesmo bom dia, o mesmo como vai, que bom que o senhor tinha a chave, essas coisas.

Contou-me por alto que tinha problemas com a mãe, velhinha, 90 anos, internada há uma semana por conta de uma invasão de pneumococos em seus debilitados pulmões. Lamentei que ele não tivesse

ninguém a quem recorrer e nem com quem contar. Nenhuma ajuda de nenhum parente. Filho único, mãe viúva, os dois em Belo Horizonte, família toda no Paraná. Ele aposentado, cuida da casa, das compras, das contas, das plantas, da mãe velhinha-de-noventa-anos. Pobre homem! Então, até mais, eu digo. Bom trabalho, responde o meu vizinho do 605. Antes de sair o vejo debruçado sobre os dois vasos que ladeiam sua porta. Ele molha, sem pressa, imensas árvores da felicidade, daquelas bem verdinhas, lindas, quase à altura da campainha. Pensei: quanta paciência em uma só pessoa! Como será para um homem dessa idade cuidar da mãe, dar remédio com hora marcada, virá-la na cama, ainda que a enfermeira venha para dormir com a velhinha-de-noventa-anos, trocar-lhe as fraldas, dar o banho da noite. Difícil para os dois, ainda mais considerando a idade dela e idade dele também! Fui-me embora.

No rádio do carro ouvia a CBN e, sem paciência para escutar mais desacertos do presidente da república, mudei de estação e deixei que Vivaldi me acalentasse a alma e me tranquilizasse o espírito já tão tumultuado àquela hora da manhã. Escolhi uma peça para oboé que adorava ouvir. Fechei todos os vidros, liguei o ar, e nem percebi o trânsito lá fora. Me deixei levar. Respirei fundo e fui a caminho da clínica onde tinha um compromisso que me ocuparia toda a manhã.

Meu dia passou como passam os nossos dias, todos tão iguais. Somos sempre tão parecidos, em nossas rotinas, nossos problemas, desassossegos e inseguranças, nossas dores, doenças, desafetos assim como somos similares em nossas alegrias, esperanças, nossos raros momentos de felicidade plena, nossos afetos e carinhos, pequenos planos, grandes sonhos. Somos todos tão parecidos! Voltando do trabalho chego em casa cheia de pacotes, cumprimento rapidamente o meu vizinho que também chegava. Estou faminta. Penso em um banho bem quente, água de colônia, pijama, chinelo, comida, TV. Ufa!

Tocam a campainha. Olho para o relógio. Faltam dez para as dez. Abaixo o som da TV. Abro a porta. O vizinho!

— Oi...

— Oi...

— É rápido, vim só pedir um favor. Me desculpe incomodar, mas vou precisar passar a noite no hospital com mamãe. Ela piorou, a febre não cede e o médico preferiu voltar com ela para o CTI. É, é melhor mesmo, ainda mais na idade dela! Mais seguro, não é? Pois é, queria deixar a chave de minha casa aqui. Amanhã de manhã chega de Londrina um amigo meu, o nome dele é Mauro, Maurinho. Falei com ele agora por telefone e não terei como buscá-lo, como sei que vocês acordam cedo, tomei a liberdade de vir falar com você. Olha, muito obrigado, viu, tomei essa liberdade porque você sabe, existem pessoas em quem a gente confia, mesmo sem um motivo especial.

— Claro, nos levantamos mesmo muito cedo, os meninos e eu. Pode deixar a chave, sem problema algum. Não precisa de mais nada? Nada de cerimônia, viu? Então está bom, que tudo corra bem. E olha, pode ficar tranquilo. Precisando de qualquer coisa, olha aqui... Peguei um bloquinho na mesinha do telefone e anotei meu número de casa e do celular.

Imagino que o Maurinho chegou de leito, vindo de Londrina, Paraná, pois nem sete horas eram quando tocaram a campainha. Meu filho atende e logo me grita dizendo que alguém procurava por uma chave. Respondo saindo do banheiro ainda de pijama. Encontro o Maurinho na porta. Um rapaz novo, tão bonito, cabelo de ronivon, com ar de cansaço e barba que parecia ter crescido durante a viagem. Quase não nos falamos, pouquíssima conversa: ele, poucas perguntas, eu, apenas respostas necessárias. Entrego a chave e ofereço ajuda. Qualquer coisa que ele precise, pode chamar aqui em casa. Se não estamos nós, estará Francisca. Ele agradece e sai.

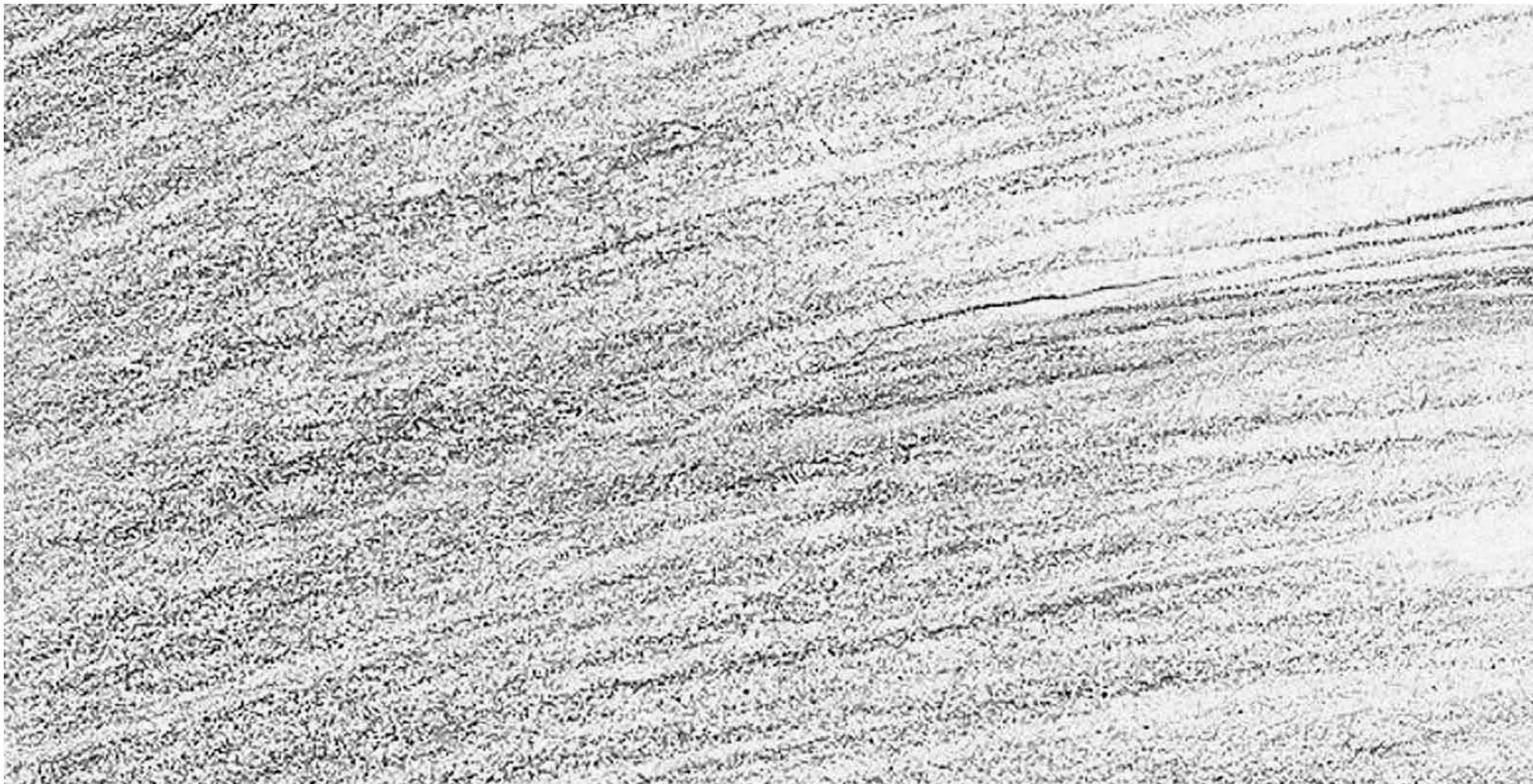
Em seguida os meninos saem para a faculdade, retomo minha correria diária e vou para o computador terminar um trabalho que devo entregar ainda hoje na Associação Mineira de Psicanálise. Nunca fui escritora, não sou e nunca serei, mas adoro uma pesquisa e estou terminando um trabalho longo e cansativo que me deixou morta, literalmente exaurida. A psiquiatra que me encomendou a pesquisa é diretora da clínica onde estou atualmente e como fui indicada por pessoa poderosa, não posso fazer feio. Queria muito que ela contasse comigo para outros trabalhos porque, sabe, eu gosto de ficar em casa, pesquisando. Sou muito curiosa, bisbilhoteira também. Quanto mais sei, mais quero saber: sobre tudo, sobre todos, gosto de aprender de pequeninas as grandes coisas, fatos curiosos, coisas sérias, coisas fúteis, fofocas... gosto também! Sou perguntadeira por demais. Meus filhos abominam essa minha característica. Brinco com eles dizendo que eu daria boa detetive, investigadora, na pior das hipóteses, diretora de filme policial, dessas tramas deliciosas que me fazem roer as unhas. Penso nos Dez Negrinhos, da Agatha Christie. Amei a história e vareei a madrugada até saber quem cometera os assassinatos. Gosto de coisas assim, que tiram o fôlego, adrenalina, cara, muita adrenalina.

Francisca vai até o açougue e me diz que a chave do 605 está no chaveiro de sininhos que fica na porta da copa. Atrás da porta, por que os meninos acham ridículos esses porta-chaves que a gente dependura. Volto para o computador e o telefone toca.

— Claro... claro que posso. A chave está aqui, sim, vou lá e verifico. Se estiver aberta, eu fecho e trago para cá. Depois vocês pegam de novo. Nada a agradecer, incômodo nenhum. E sua mãe? Melhor? Que bom... Fique forte, vai dar tudo certo.

Me enrosco em um velho peignoir, saio assim mesmo de chinelos. Não resisto à curiosidade de poder penetrar na intimidade daquela casa. Fico contente que Francisca não esteja por perto. O que ela iria pensar de mim? Louca de curiosidade pelo alheio? Logo eu? Abro a porta e entro no apartamento 605, pois, efetivamente, Maurinho se esquecera de fechá-la. Por isso o vizinho me ligara do hospital pedindo que eu fosse checar. A persiana ainda fechada permite a entrada de pouca luz. Vou olhando e procuro conhecer um pouco mais sobre o meu vizinho. Por nada eu perderia uma investida, de pura curiosidade, naquele lugar.

Que sala estranha! Paredes verdes, tetos branco, com sancas em alto relevo, uns florões enormes, entremeados de laços. Os dois ambientes



em um só, o pequeno hall com espelhos, a sala de visitas com poltronas na cor mostarda; arandelas, aparadores, um par de cisnes de porcelana, e alguns livros na parte de baixo. Sabe aquelas fotos antigas, em sépia e branco, ovais, emolduradas por largas tiras de madeira escura que existiam na casa de nossas avós? Duas... duas na parede principal. Pelo estilo da roupa e dos cabelos imaginei que fossem os avós do meu vizinho. Vasos e cachepots de porcelana havia vários. Todos bem coloridos. Flores, muitas flores espalhadas por todo lado. Sobre a estante, sobre a mesa, na mesinha de telefone e no parapeito da janela. E tapetes então? Contei rapidinho, seis! Dois deles persas, com certeza, os outros desses tabacows, de qualidade um pouco melhor, mas sem pedigree. O apartamento nem grande era, mas parecia maior que o meu, talvez pelas reformas ali já feitas ou pela disposição dos cômodos. Prata, peças de prata, impecavelmente polidas. Um pequeno samovar, dois cinzeiros e uma bandeja com serviço completo de café. Me pareceram portuguesas! Dois lustres em cristal, com lágrimas, pendendo do teto. Um deles sobre a mesa de jantar o outro sobre a mesinha de centro. O maior com portaslâmpada, de murano, pintados, imagino que à mão e com cara de obra italiana. Me perguntei se tudo aquilo viria de sua própria família ou se seria ele um rato de antiquários.

Eu não tinha muito tempo, afinal só estava ali para confirmar se a porta ficara mesmo aberta, conforme ligação do vizinho para minha casa. Já poderia ter ido embora, mas a curiosidade me deixava acesa e continuei olhando os livros na estante, impecavelmente arrumados, distribuídos por ordem de tamanho, coleções de capa dura, com vermelho e dourado e sobre a mesinha lateral, quatro volumes empilhados. Me curvava para um lado e para o outro na tentativa de ler todos os títulos. Droga, deixara os óculos em casa e precisava apertar os olhos para ver alguma coisa de pertinho: “Alice no país das maravilhas”, “Vidas Secas”,

um Virginia Wolff e outro de capa azul com as letras douradas, já quase apagadas. Nada de poesia, pensei. Muito bem.

Chego o pescoço no corredor e não resisto. Do lado esquerdo o banheiro cuja luz ficara acesa. Luzes e luzes, pois havia duas lâmpadas de teto além de umas seis ou mais circulando o espelho por cima do aparador. Tudo em bege e rosa-antigo, de bom gosto, discreto, ambiente florido com vasos de bambuzinhos naturais pendendo da janela. Por sobre a bancada de mármore, uma dezena de frascos de perfumes. Nada tirei do lugar mas li cuidadosamente (apertando os olhos, claro!) cada um dos rótulos nos vidros impecavelmente limpos. Foi possível ver que entre yardleys e armanis alguns calvinkleins também se faziam presentes na bandeja de prata com forrinho branco de crochê. Um luxo! O jogo de toalhas banho-rostobidê tinha cara de coisa feita por mãe-da-gente, com barras largas de crochê e bordados em ponto de cruz. Não pude deixar de notar o tapete chinês, com flores em alto relevo, todos os tons de bege e rosa. Bonito!

Eu não tinha muito tempo e além do mais deixara a porta entreaberta, assim me sentiria menos culpada pela invasão.

Do corredor avistei os dois quartos. Um deles, imagino, seria o quarto da mãe-velhinha-de-noventa-anos. Do lado da cama estilo marquesa, uma caminha pobrezinha, provavelmente para a enfermeira da noite. Lustre, flores na janela, cortinas brancas de cetim do teto até o chão, dois tapetes, um ao lado de cada cama, sobre a cômoda, também marquesa, caixinhas de remédios das mais variadas cores e tamanhos. Jarra de cristal, dois copos, com porta copos de metal, uma revista de palavras cruzadas, uma bic preta e uma caixinha — não quis ver o que havia dentro. Do lado direito do corredor um quarto grande, a suíte do casal, pensei com ar conservador e preconceituoso. Deve ser aqui, falei para mim mesma. Cama com dossel... Há quanto tempo não via isso a não ser em



filmes de época ! Quarto grande com cortinas grenás, de cetim, desde o teto caindo sobre um imenso tapete persa, quadrado, ocupando todo o piso. A cama era de ferro, porém com flores e folhas trabalhadas por sobre o gradeado. Por detrás saía um tubo que se curvava para a instalação do dossel que, preso, não me deixou sequer entrever como seria. Uma colcha belíssima, também em tons de vinho e rosa, almofadas indianas, cheias de brilho, se misturavam aos travesseiros de fronhas lisas. Numa das laterais da cama belíssima peça em petit bronze, uma caçadora trazendo um cervo pela coleira. Um vento imaginário soprava suas roupas esvoaçantes, e um cão deitado aos seus pés compunha o belo abat-jour. Do outro lado, em tamanho menor, um pequeno lustre de cristal com pequeninas contas penduradas, um livro de capa preta, um porta-óculos. Havia ainda uma arca que nada tinha a ver com o mobiliário, sobre ela uma sacola de viagem, aberta, uma caixa de sapatos, fechada, dois pacotes de presentes. Ao me virar, me deparei com uma cômoda. Sobre a cômoda vários porta-retratos. Imagino que seja o meu vizinho nas fotos: quando bebê, no colo da mãe, o pai bigodudo do lado; de uniforme no jardim da infância, no time da escola, recebendo diploma, vestindo casaco em paisagem nevada, uma longa viagem, talvez. Esse é o Maurinho... Porto Seguro ao fundo; São Paulo, Viaduto do Chá; Praia de Ipanema, Rio; Pelourinho em Salvador. Os dois, em pose tradicional, mãos na cintura, sem olhares de cumplicidade, sem sorrisos compartilhados, sem demonstrações explícitas de afeto, mas sempre juntos. Sobre as fotos as datas: a mais antiga, de 1998, a mais recente deste ano.

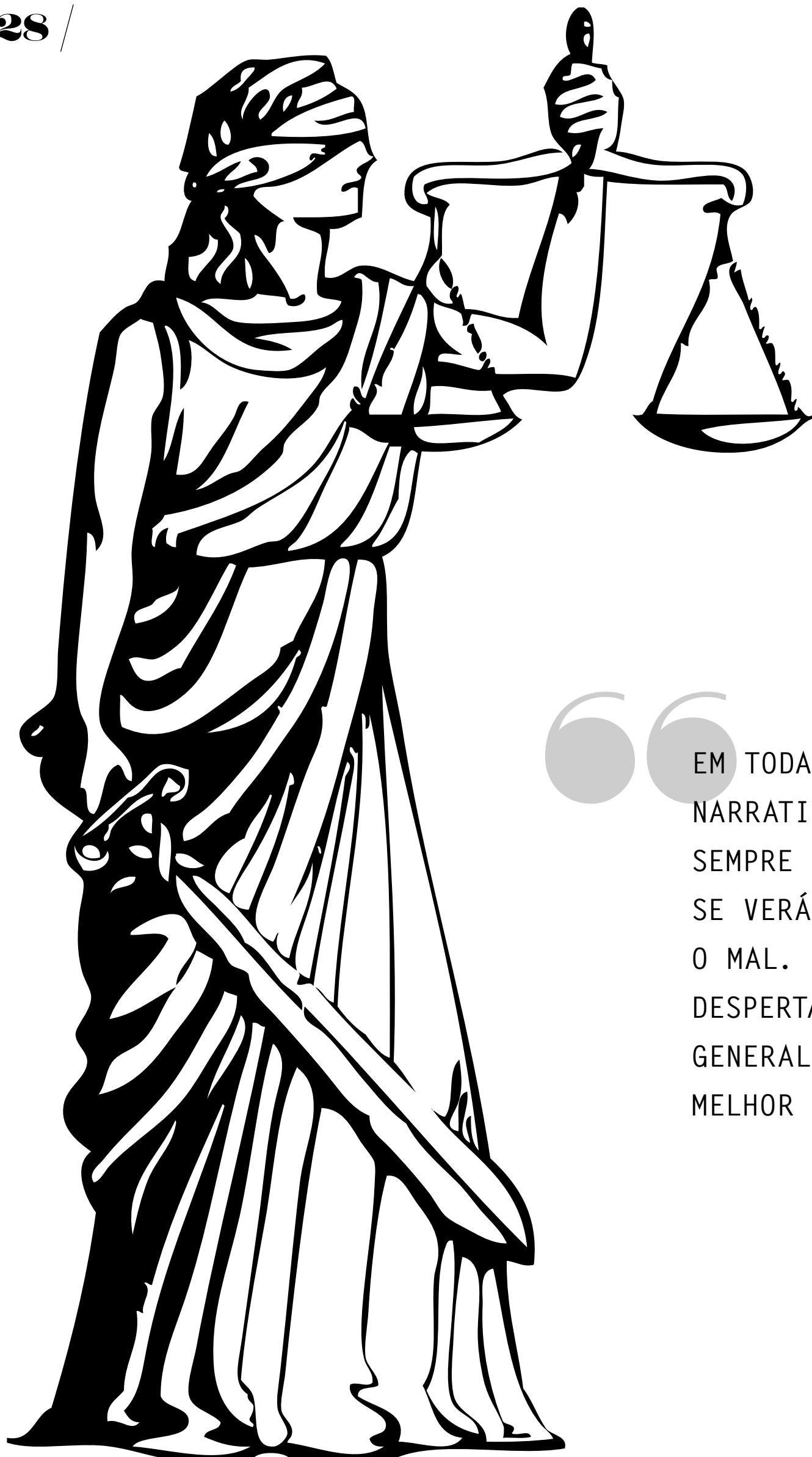
Fico olhando os dois nas fotos. Sinto-me invadida por uma certa ternura morna vendo-os ali, lado a lado. Imagino cenas de alcova nesse quarto onde estou, penso no quanto a vida é estranha e generosa ao mesmo tempo. Deixo de lado meus pensamentos antigos, cheirando a mofo. Me dou conta de que cada um é feliz à sua maneira e que bom

que seja assim! Interesse-me pelo conhecer em profundidade a alma das pessoas, de todas as pessoas. Penso ainda em como eu seria feliz se pudesse entender o que vai pelos corações e mentes das pessoas a quem amo. Será possível voltar a estudar na minha idade? Levar meu trabalho até à clínica e pensar em me inscrever para um curso, talvez? Psicologia? Psicanálise?

O cenário do 605 me enche de emoção. É como se eu visse em seus quartos, em seus vazios, seus silêncios, todas as experiências humanas reunidas. A solidão, a tristeza, a doença, o abandono, o passado ali tão presente, mas também indícios de futuro, de recomeços, de pequenas alegrias, da vida que pulsa apesar de, e não pára. Sinto-me empurrada dali. Caminho em direção à porta. Olho e não vejo ninguém nos corredores. Ainda bem. Fecho a porta, passo a chave, tranco no 605, todas as histórias que a minha mente foi capaz de criar. Volto para casa, Francisca ainda no açougue. Na tela do meu computador o trabalho que preciso entregar ainda hoje. Respiro lenta e profundamente. Sirvo-me de uma xícara de chá. A manhã está fria, venta muito. Olho para o telefone que não toca. Tomo devagar minha xícara de chá. Pensamentos me invadem, seres humanos, sentimentos comuns, pessoas, vida. E uma compaixão imensa toma conta de mim.

ROSÂNGELA MALUF

é mineira, pós-graduada em Marketing, professora universitária e consultora de empresas.



“EM TODA E QUALQUER NARRATIVA TIPO AVENTURA, SEMPRE SE VIU, SE VÊ E SE VERÁ O BEM COMBATENDO O MAL. E TODA NARRATIVA DESPERTA UMA PAIXÃO GENERALIZADA PORQUE É O MELHOR ESPELHO DA REALIDADE

NARRAÇÃO E JUSTIÇA

O telo é acusado pelo pai de Desdêmona de ter usado feitiços pra lhe seduzir a filha – pois como pode uma jovem loura e linda apaixonar-se por um homem bem mais velho e negro? – e o mouro se defende dizendo que o próprio Brabâncio o convidara à sua casa, a fim de que contasse a ele e à moça suas aventuras e desventuras, incluindo viagens e naufrágios, batalhas campais e navais, etc., etc., depois do que Desdêmona – que fora obrigada a constantemente se afastar para os serviços da casa – pediu-lhe que contasse tudo outra vez, exclusivamente para ela. Aí...

Com isso, Shakespeare demonstra duas coisas: o poder de sedução das narrativas... e a importância delas nos julgamentos.

As telenovelas da Globo são líderes de audiência, com os telejornais – outra forma de narrativa em capítulos. Têm o mesmo velho fascínio dos contos seriados que valeram a vida a Sherazade. E os que trabalham com a Justiça e pela Justiça também têm de dominar a arte de narrar, pra poderem seduzir, convencer... e sobreviver.

Por que esse encanto? Porque a própria vida na Terra é uma tremenda narrativa com várias versões, que mais têm adeptos quanto mais são capazes de seduzir... e convencer. Temos a

versão da Bíblia, a do Alcorão, a das mitologias persa, grega, romana, a dos tupis-guaranis, incluindo a da ciência, com seu Big-Bang e a Teoria da Evolução, inclusive a da Consciência, segundo o paleontólogo Teilhard de Chardin, padre que teve um grande problema com a Igreja ao publicar seu livro O Fenômeno Humano, em 1948. Porque, com a Europa recém-saída da segunda grande guerra, ele dizia que o mundo é tão selvagem, que não se pode aceitar que houve uma salvação em Cristo. Fomos salvos de quê? E, baseado no fato de que a humanidade crescia e estava prestes a tomar e a dominar toda a Terra, inclusive com uma evolução assombrosa das comunicações, previu que em breve teremos uma hominização do planeta, que se envolverá numa Noosfera, processo último que teria começado com a geosfera – a matéria – a biosfera – a vida – e, por último, o domínio absoluto do conhecimento, quando – aí, sim – o Homem, o verdadeiro Filho de Deus, promoverá a Salvação e todas as injustiças serão sanadas.

Toda narração tem como meta a Justiça. Nos enlatados policiais da televisão, nos grandes autores como Conan Doyle, Agatha Christie ou Georges Simenon, em toda e qualquer narrativa tipo aventura, sempre se viu, se vê e se verá o Bem combatendo o Mal. E toda narrativa desperta uma paixão generalizada porque é o melhor espelho da realidade.

W. J. SOLHA

SHAMASH E JEOVÁ

A narração, ficção incluída, sempre foi usada pela Justiça. Hamurabi, rei da Babilônia, foi o primeiro a fazer um código de leis. E no alto da sua estela mandou fazer um baixo-relevo em que ele próprio é retratado recebendo o tal código das mãos do deus-sol Shamash. Ou seja: as normas eram tão perfeitas que só poderiam ter tido inspiração divina! Os judeus estiveram no cativeiro da Babilônia e certamente foi de lá que tiraram a ideia do decálogo e da lenda de que Moisés teria recebido os Dez Mandamentos diretamente das mãos de Jeová, no alto do monte Sinai. Há vários itens semelhantes entre esses códigos, inclusive o básico: olho por olho, dente por dente.

PLATÃO, QUE É SÓCRATES

Quando Platão escreveu sua obra filosófica, deu-lhe vida em sua série Diálogos, em que cada tema – como o da Justiça – tem como título a pessoa com quem Sócrates discute suas ideias. Aliás, hoje ninguém consegue separar as ideias dos dois – Sócrates e Platão – uma da outra, e o que eu acho é que na verdade Platão tirou o velho sábio do nada, enchendo-o de discípulos, uma esposa mal-humorada, condenação a beber cicuta, etc., etc., dramatizando, seduzindo discípulos, convencendo-os do que ensinava.

CRISTO

A narração do Evangelho, plagiando Platão em sua doutrina e sem lhe dar o devido crédito, chega dizendo-se portadora de dogmas Revelados. E tenta cativar os hebreus de uma forma subliminar extraordinária, tornando Jesus uma síntese do seu povo. Por isso ele nasce da Virgem, porque o homem nascera da virgem mãe-Terra. Por isso é batizado no Jordão, porque seu povo – em pecado – fora batizado pelo dilúvio. Por isso passa 40 dias no deserto, porque o povo ali passara 40 anos. Por isso Deus diz que ele é seu primogênito e filho dileto, porque dissera o mesmo para o seu povo. Por isso Moisés sobe o Sinai, pra de lá trazer a Lei, e Cristo sobe o Tabor, pra de lá fazer seu sermão da montanha, onde tudo é reformulado.

Mas o Evangelho não emplaca entre os judeus. Porque surge num momento em que Israel, sob o jugo do Império Romano – tão esmagador que acabaria por destruir Jerusalém no ano 70 – tenta reagir por sua libertação, pelo que jamais poderia aceitar uma doutrina que pregava o amor aos inimigos e que se desse a César o que era de César! E por falar em César: há uns três anos, a pedido do cantor e compositor Chico César, então secretário de Cultura de João Pessoa, escrevi um texto para o espetáculo da Semana Santa, que acabou rejeitado. Por quê? Como o local da apresentação seria a Praça Vidal de Negreiros, no centro da cidade, imaginei colocar no Paraíba Palace Hotel, que seria meu Templo de Jerusalém, dois enormes banners com suásticas e, lá em cima, o retrato de Hitler sob a inscrição Tiberius Cæsar. Tudo começaria com as tropas marchando no passo de ganso, quando chegaria um Citroën e

dele desceria Pilatos – vestido como oficial dos SS. Fiz isso pra mostrar a injustiça que sempre se cometeu contra os judeus nesse ponto. Mas o mundo é esquizofrênico, pois o que existe naquela praça? Justamente um monumento a Vidal de Negreiros, o paraibano que participou da luta pra botar os holandeses fora do Brasil. Visitei, em Assunção, o Panteão de Solano Lopes, o homem que resistiu à invasão da Tríplice Aliança – Brasil, Uruguai, Argentina – no Paraguai. O que vi na Praça Trafalgar, em Londres? O monumento ao Almirante Nelson, que resistiu ao ataque de Napoleão à Inglaterra. Como se chama a capital dos Estados Unidos? Washington, em homenagem ao líder da revolução pela independência americana frente aos ingleses. Todos países cristãos, esquizofrenicamente fazendo na prática uma luta que contradiz sua teoria, dita cristã.

PLATÃO/CRISTO

Foi Sócrates, segundo Platão, quem disse que os antigos ensinavam que se devia pagar o bem com o bem, o mal com o mal, e que isso não era sábio, pois não é justo fazer o mal em caso algum, pois o mal – diz ele – nunca é cometido por alguém em sua condição normal. Quando a cultura helênica entrou com tudo em Jerusalém, a frase se chocou com a lei de Moisés. Daí o Evangelho apresentar Cristo dizendo: “Ouvistes o que foi dito aos antigos: amai o vosso próximo e odiai o vosso inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos”

Essa novidade não foi aceita entre os judeus, e – bem a propósito – acabou sendo imposta pelo próprio Império, porque nada melhor para manter a Pax Romana do que divulgar que o próprio filho de Deus teria dito Amai os vossos inimigos e daí a César o que é de César. E que se alguém lhe bate na face direita, ofereça-lhe a esquerda. Se lhe roubam a capa, dê-lhe também a roupa. Se o forcem a andar uma légua, ande duas. Não resista ao mal. Bem-aventurados os mansos. Porque deles será o Reino dos Céus. Claro, porque justiça-justiça, na Terra, é impossível.

A MISERICÓRDIA DIVINA

A maioria de nós nasce pobre; a minoria, rica. E uns, belos e sadios, outros feios, defeituosos, incapazes, retardados, doentios. Uns geneticamente brilhantes; outros, estúpidos. Uns, em terras seguras, fartas; outros, em áreas de constantes terremotos, enchentes, secas, vulcões, tsunamis. Daí que uma de nossas grandes ficções é a da Misericórdia Divina. Como pode haver isso se o Universo, a Natureza, é regida por leis inexoráveis? Onde está a misericórdia ante a inescapável morte, geralmente envolvida em dor?

O DRAMA DO DESERTO

Quando era adolescente, assisti a um filme produzido pela Disney, O Drama do Deserto, do qual saí arrasado. Porque foi chocante ver, detalhe por detalhe, o violento “cobra engolindo cobra” que é a vida, sob

o domínio de uma única lei: a do mais forte. Ou do mais apto. O pior momento foi quando um cavalo-do-Cão entra num orifício na terra e dele sai de ré, perseguido por uma caranguejeira. O duelo entre os dois é terrível. Mas quando a peçonhenta levanta as patas dianteiras e avança para ferroá-lo, o outro a ataca por baixo e a fere, anestesiando-a imediatamente. Aí arrasta o monstro pra sua loca e, ali, a aranha é devorada aos poucos pelos filhotes do vencedor, conservada viva mas inerte, devido ao veneno do pequenino.

Justiça, portanto, é também ficção nossa, porque também o Crime é a ficção (pois inexiste na Natureza), e porque o Livre-arbítrio é ainda outra ficção. Uma coisa humana.

O PROBLEMÃO DE PAULO APÓSTOLO

Numa de suas epístolas, Paulo realça o lance do Velho Testamento, em que Moisés recebe de Jeová a ordem de ir dizer ao faraó que dê liberdade a seus escravos hebreus e os deixem voltar à Terra Prometida. Mas quando o líder vai chegar ao rei do Egito, Deus endurece o coração do faraó. Pra quê? Segundo a Bíblia, pra mostrar todo o Seu poder e glória. Como? Deflagrando as dez pragas, cujas nove primeiras não demovem o soberano, mas cuja última – a morte de todos os primogênitos, inclusive o dele –, derruba o homem. Aí Paulo pergunta: Se Deus endurece o coração do faraó, de que se queixa, então? Mas bate o pino: O que é o vaso pra questionar o oleiro? Resultado: É Deus – diz ele – quem opera em vós o querer e o fazer segundo a Sua vontade! Não percebe que, com isso, a ideia do pecado vai pra cucuia. O próprio Cristo, na cruz, desdiz o que dissera, ao gritar: Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem!

Só o bendito Schopenhauer matou a charada, e tão bem, que Einstein menciona sua famosa frase em Como vejo o Mundo.

Você pode até fazer o que quer, mas não querer o que quer.
 Você nada escolheu quando nasceu,
 Não passa de um robô bobo que apareceu.
 Nem pátria, sexo, cor,
 Nem classe social,
 Não escolheu sequer o seu milênio,
 Mas mata por Alá,
 Se nasce em Bagdá,
 E mata por Jeová se nasce judeu,
 Você nada escolheu quando nasceu.
 Não passa de um robô bobo que apareceu.

Resumindo: Todo juiz – como os ficcionistas – tem de trabalhar com aquilo que Spinoza chamou de visão sub specie aeternitatis, ou seja: do ponto de vista da eternidade. Tem de procurar interpretar cada ato humano de um ponto de vista parecido com o que se presume seria o de Deus.

O MAL

Além do Drama do Deserto, Disney me pegou pelo pé com outro filme, aquele em que o Espelho Mágico – da história de Branca de Neve – defende a importância dos vilões nas boas narrativas. Que seria da história da própria Branca de Neve sem a Rainha Má, que é também a Bruxa? Que seria da de Peter Pan sem o Capitão Gancho? Que seria de Os Miseráveis sem o Inspetor Javert? De Os Três Mosqueteiros sem o Cardel de Richelieu? De Guerra nas Estrelas sem Darth Vader? De Popeye sem Brutus e, igualmente, de Júlio César sem o Brutus dele? Hamlet diz: “A Dinamarca é uma prisão”.

Rosencrantz, seu colega da universidade de Wittenberg, onde ambos estudam Direito:

— Então o mundo também é.

— E como. Uma prisão em que há muitas celas, solitárias, calabouços, dos quais a Dinamarca é o pior.

— Eu não acho.

— Uai (Why!), então pra mim é, pra você, não. Nada é bom nem mau, a mente é que nos faz ver as coisas de um modo ou de outro.

Seria impensável o progresso que adquirimos no século XX sem a ocorrência das duas guerras mundiais. A primeira (que marca o fim da Belle Époque) começou com tradicionais batalhas de cavalaria e infantaria, com seus comandantes dando ordens a cavalo, no alto de colinas em que avistavam o campo de batalha, etc., mas terminou com novidades nascidas da necessidade de vencer: a guerra química, os primeiros tanques de guerra, os primeiros aviões de bombardeio. A Segunda Grande Guerra trouxe as viagens intercontinentais, o início das conquistas espaciais com von Brawn, a energia nuclear, evidentemente, com a Bomba Atômica.

JUSTIÇA COMO TENTATIVA DE PERFEIÇÃO

Somos imperfeitos. Tanto, que Hamlet diz: “Se se desse a cada um o que ele merece, quem escaparia da chibata?”. Mas a Justiça é uma de nossas grandes tentativas de perfeição. Caminhamos para a formação da Noosfera. Cabe aos juristas aperfeiçoar as leis e aos juízes aplicá-las, levando em conta, sempre, que o crime é uma ficção nossa, como o livre-arbítrio... e a própria Justiça.

W. J. SOLHA

paulista de Sorocaba, mas radicado em João Pessoa (PB), é autor de *História universal da angústia*, coletânea de romances, contos e um roteiro cinematográfico (Bertrand Brasil), *O relato de Prócula*, romance (Ed. A Girafa) e *Marco do mundo*, poema (Ed. Ideia).

OS PARQUES



ABANDONADOS

CONTO DE JOÃO PAULO VAZ

“IOH HERMANO, CUÁNTA VIDA EN ESOS OJOS QUE SE APAGARON DE ALUMBRARNOS TANTO!”

JULIO HERRERA Y REISSIG

Cavalgávamos a leoa de bronze. Sobre seu dorso polido pelos nossos fundilhos, atravessávamos florestas amazônicas de espadas-de-são-jorge às margem do lago dos girinos. Entardecia na Praça General Osório. Tínhamos oito ou nove anos.

Agora cavalgo minha Honda 125, encompridando caminho pelas trilhas da Mantiqueira: Santa Rita de Jacutinga, Aturuoca, Itamonte, Santo Antônio. Na contramão das águas do Rio Preto, em direção a Mauá. Cada vez mais devagar.

Na névoa da manhã, um pinheiral azulado desliza entre a estrada e o rio. Quero e não quero chegar, rever Luiza, dizer adeus.

Ontem sonhei outra vez com a rajada de metralhadora nas costas da mulher que corre e depois a mulher é Luiza caída de bruços no asfalto, ensanguentada. Ou: antes mesmo de atirar eu já sei que a mulher em fuga é Luiza, ou é e não é mais Luiza, outra Luiza.

Entre o ronco suave do motor e o do rio, repasso minha vida sem importância. Só Luiza gravou nela serras e despeñadeiros, o resto é planície.

Desde a primeira vez. A menina estranha, cabelo vermelho, metida no futebol dos meninos, e ainda com a insolência de se recusar a ficar no gol e o atrevimento de enfrentar Mauro Foca, temido pelo tamanho e pela raiva fácil que transbordava espuma de cuspe nos cantos da boca e porradas nos meninos menores – nós todos.

“Brucutu babão” – lançou Luiza em pleno parque, para nosso espanto maravilhado. O nariz sardento dela, empinado, um palmo abaixo do queixo dele, sem medo algum. E Mauro não fez mais que babar.

Meninos não brincavam com meninas. Abandonar o futebol junto com ela e partir em viagem no dorso da leoa de bronze foi a descoberta de outro parque dentro do parque e, até onde consigo lembrar, meu primeiro gesto de rompimento com o que era esperado de mim.

Mesmo agora, por que ou por quem, senão Luiza, eu percorreria outra vez essas estradas desertas, pedregosas e belas? E a lama das chuvas de março.

O jardim está descuidado. Duendes de louça espreitam entre a grama alta do último parque. Espero no portão.

Espero na rua, em frente ao banco, metralhadora destravada, bloqueando o trânsito. Faz uns cinco minutos que eles entraram, que Luiza entrou, arma na mão, cabelo cortado rente e tingido de preto. O tempo não passa. Os carros não passam. Já são quatro. Parados, motores desligados. A mulher do aero-willys azul abre a porta, faz menção de saltar. Eu aponto a metralhadora. “Dentro do carro!”. Ela se encolhe de volta no banco. “Fecha a porta”. Ela puxa depressa a porta, mas não consegue fechar. “Bota a mão na direção. Todo mundo com a mão na direção!”. Passeio a mira pelas caras assustadas atrás dos para-brisas. Três tiros soam dentro do banco. Depois silêncio. Se não saírem logo,

tenho que entrar. Os carros parados e a porta do banco fechada. A porta do aero-willys azul aberta. A burguesinha de merda corre rua abaixo tropeçando nos saltos, vestido preto de alças, costas nuas na mira da metralhadora.

O marido atual de Luiza vem abrir o portão. Cansado de noites mal-dormidas.

— Você é o...?

— Sim. Sou eu – alinho a roda da moto na direção da trilha que atravessa o jardim.

Luiza está sentada num sofá estampado, azul-escuro – luas e estrelas brancas num céu noturno sem nuvens. O cabelo agora é branco. Ela me recebe sem espanto, como se eu viesse aqui todos os dias.

— Foi doce de você ter vindo.

— Então?

— Pois é. Quase hora de fazer a passagem.

Um colar de prismas pendurado na janela espalha luzes coloridas nas paredes. Luiza me mostra uma peça de pedra-sabão polida – uma leoa.

— Lembra da leoa da praça?

Do quarto onde durmo, ouço o barulho do rio. O marido atual se chama Alberto. Ex-presos político, renal crônico das porradas que levou na prisão. Faz diálise em Resende duas vezes por semana, e eu fico cuidando de Luiza.

Ela cai no banheiro, eu a ajudo a se levantar.

– Pode sair agora – leoa em luta por cada palmo de autonomia que a doença vai tomando.

No banco do jardim, entre a grama alta e os duendes, Luiza me fala dos filhos. Dois, de pais diferentes, soltos no mundo. Um engenheiro na Alemanha, outro economista em Londres, ou vice-versa. Nas asas da globalização, acompanhando por e-mail a doença da mãe. Ela prefere assim.

“A origem da família, da propriedade privada e do estado”, “Los condenados de la Tierra”. Luiza e eu na grama do Parque da Cidade, entre jovens casais e suas máquinas fotográficas, crianças e sanduíches. Engels, Fanon e pão com mortadela. E o guarda do parque: “Que livros são esses?” – olhos pegajosos nas pernas de Luiza, e ela, olhar desafiador nos olhos já desviante dele, “Nada que seja da sua conta”. “Isso a gente ainda vai ver” – ele se afasta ameaçador. “Vam'bora, Luiza”. “Com medo de um guardinha borra-botas?”. Eu descobrindo o mundo nos livros, ela já cansada deles. “Passou a hora de ler. A hora agora é de agir”.

No final da tarde, Alberto leva Luiza até a varanda para olhar a serra. Luiza entre as montanhas

Luiza entre outras montanhas, muitos anos depois de os nossos caminhos se apartarem. Lumiar, o bailado do Daime, Luiza passando a ferro a farda branca de fitas coloridas, cantando hinário.

“Aí eu botei os olhos

Aí vem uma canoa

Feita de ouro e prata

E uma senhora na proa”

Pitando comigo, no final da tarde, a erva-de-santa-maria que ela mesma plantava, colhia e secava. Luminosa Luiza, cabelos em chamas, olhos negros brilhantes. “Quando ficar bem velhinha, quero ser uma espécie de bruxa”.

Ajudo na cozinha, corto a grama do jardim, revezo a cabeceira de Luiza com Alberto. Não falamos sobre isso, mas sei que ele também sabe o quanto ela está além ou acima de nós dois, e de todos os homens da sua vida. À noite, depois que ela adormece, fumamos um baseado na varanda, sem muita conversa. Ele às vezes me olha como se interrogasse o passado.

As últimas batalhas estão perdidas. Luiza já não vai mais ao banheiro. Revezos com Alberto também a rotina da comadre, o banho na cama. Despir o corpo magro, frágil, passar de leve a esponja de água morna, acariciando os ossos da primeira mulher a se despir para mim. Numa barraca de acampamento no Parque de Itatiaia. A maravilha dos seios nus sob a luz da lanterna, a dança das sombras no pano da barraca. Viagens intermináveis por nossos corpos jovens, recém-descobertos.

Descobrimos tudo juntos: a Revolução, o amor, o sexo.

Depois, Luiza com outro homem, com outros homens. Luiza de todas as revoluções, irritada com meu ciúme. “Você quer o quê? Um casamento pequeno-burguês?”

Da inquietude que ela plantou em mim só ficou esta inadequação social crônica e o gosto pelas viagens solitárias. Afora isso, fiz o que devia fazer. Fui solidário, responsável, honesto, até corajoso uma ou duas vezes, quando foi preciso. Trabalhei, casei, construí uma casa. Só não tive filhos. Porque não é da natureza perpetuar o vazio.

Os filhos de Luiza vieram para a semana final. E uma amiga anestesista que “vai ajudar na passagem”. A casa está cheia demais para mim. No jardim, a impassibilidade dos duendes me irrita.

Me despeço de Luiza de manhã bem cedo.

No banco, o guarda atirou nela e ela nele. Ele errou o tiro, ela não. Eu não atirei na mulher que fugia, nem voltei a segurar uma metralhadora ou qualquer outra arma. Fugi de Luiza e de tudo o mais. Fui sonhar sozinho meu pesadelo recorrente.

Já é inverno. As estradas agora estão secas. Cavalgo outra vez a Honda 125, leoa sem dentes e sem brilho, coração de aço.

De volta à planície, de volta aos parques abandonados.

JOÃO PAULO VAZ

carioca, é engenheiro eletrônico e mestre em Ciência da Computação. Tem três livros de contos publicados: *Sete estações* (Ed. 7Letras, 2003), *A mão do chefe* (Ed. Nova Porta, 2004) e *Sexmaster 5 e outras histórias* (Ed. Cais Pharoux, 2008).

REDESCOBRINDO AS CANTIGAS DE SANTA MARIA

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

As *Cantigas de Santa Maria* de Alfonso X, o Sábio, chegaram ao Brasil e isto se deve à Ângela Vaz Leão, que por tal façanha mereceria algum prêmio, de Espanha e Portugal. Do alto de seus 90 anos, essa mestra exemplar (de quem fui modesto aluno) edita pela PUC/MG uma série de volumes sobre a produção do rei-sábio que no século XIII, desde Castela e Leão, imperou por várias décadas.

Tal proeza filológica e crítica interessam, em princípio, à literatura espanhola, galega e portuguesa. Mas extrapola esses limites e também serve aos estudiosos da cultura da Idade Média. Aproximei-me primeiramente desse tesouro quando fui aluno e monitor do mestre português- Rodrigues Lapa, que passou uma temporada no Brasil lecionando e pesquisando os poetas árcades mineiros. Mas agora a professora Ângela realizou um trabalho crítico e de divulgação em vários níveis:

- a) fez um texto explicativo — parafrásico — dos poemas;
- b) publicou as iluminuras que ilustram os textos;
- c) escreveu um estudo crítico sobre as cantigas compostas por Alfonso X;

- d) anexou ao livro um CD onde Sérgio Antônio Canedo e seu grupo “Chorus Rosa Rosaram” interpretam seis das cantigas;
- e) e alguns desses poemas são belamente ditos em galego-português e em português atual pela própria professora Ângela Leão.

Tudo isto revela o toque de dedicação e de paixão pelo tema estudado. Modestamente Ângela Leão explica que trabalhou estrategicamente sobre 42 dos 420 poemas. Abrindo espaço para que outros sigam suas trilhas. É mesmo um trabalho de leão (ou leoa).

Como ela diz “o culto de Maria atinge o seu apogeu na Europa no século XII e continua incandescente no século XIII. Nesses dois séculos, que coincidem com o trovadorismo enquanto fenômeno pan-românico, Maria é representada no cerne do amor cortês: compara-se a imagem do cristão prosternado aos pés da Virgem com a imagem do trovador suplicando à dama da corte o seu amor”.

Alfonso X, seguindo a admiração por Maria, narrou nesses textos alguns dos mais inusitados milagres atribuídos à Virgem. Doutrês exemplos:

Como a Santa Maria tomou do demônio a alma do monge que se afogara no rio e o fez ressuscitar.

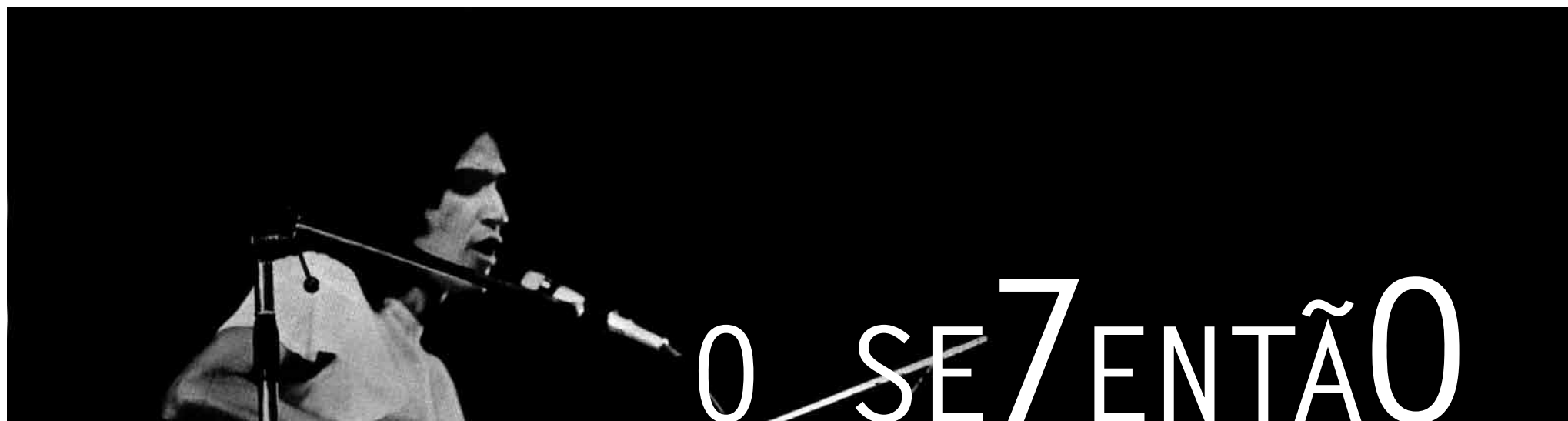
Como Santa Maria curou a mulher do fogo de São Marçal que lhe havia comido todo o rosto.

Como Santa Maria fez ficar o monge trezentos anos ouvindo canto de uma avezinha, porque pedia à Virgem que lhe mostrasse qual era o bem de que gozavam os que se achavam no Paraíso.

Para os interessados no tema informe-se que além desse *Cantigas de Afonso X, o Sábio* — antologia, tradução, comentários, Ângela Vaz Leão vem de publicar os seguintes títulos: *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio* — aspectos culturais e literários, *Novas leituras, novos caminhos: Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio* e foi uma das organizadoras do IV Encontro Internacional de Estudos Medievais realizado em Belo Horizonte em 2003.

E nesse contexto fez muito bem a universidade PUC/Minas em republicar também dois de seus livros: primeiro a *História das palavras* onde Ângela Vaz Leão reconstrói o sentido e evolução de vários vocábulos de nossa língua, e também o seu clássico estudo sobre Henriqueta Lisboa. Deste modo, trabalhando sobre a tradição mais antiga e a tradição mais moderna, a filóloga, medievalista e mestra escreve delicada e eficientemente sobre o “mistério da criação poética”.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA
mineiro de Belo Horizonte, é poeta e ensaísta.



O ARTISTA RE-DEVORA OSWALD DE ANDRADE E ROBERTO SCHWARZ PASSA EM REVISTA AS MEMÓRIAS TROPICAIS DO COMPOSITOR

Dm *Estudos sobre a literatura clássica americana* (Zahar, 2012), D. H. Lawrence traça crítica informal, com meandros pessoais, a grandes nomes e obras da literatura americana. Nesse sentido, digamos assim, da lucubração passional, *Antropofagia*, de Caetano Veloso, se assemelha ao livro de Lawrence.

O livro de Caetano é um recorte de quatro ensaios do seu livro de memórias *Verdade Tropical*. Exatamente os em que o músico exerce sua maior verve de crítico. Justificando o paralelo com a obra de crítica do escritor inglês. O compositor baiano é até mais apaixonado em suas críticas do D. H. Lawrence.

No exílio em Londres, quando Caetano colaborava no *O Pasquim*, seu texto era cheio de referências e coloquial. Hoje, apesar da sua linguagem está enxuta, vemos ecos desse seu antigo tipo de texto em *Antropofagia*, o que, quando ocorre, trunca a leitura.

No primeiro ensaio, “Poesia Concreta”, fala do bom relacionamento crítico dos poetas concretos de São Paulo, em especial Augusto de Campos, com os tropicalistas, de como, direto ou indiretamente, os concretistas o ajudaram a perceber seu papel no movimento em que era um dos seus principais formuladores.

Em outro lembra a aparente rivalidade, na década de 1960, entre os tropicalistas (sobretudo com ele) e Chico Buarque que não aderiu ao movimento tropicalista e seguiu fazendo samba de raiz. Chico é também antropofágico. Se, como diz Caetano, João Gilberto devorou Dorival Caymmi, Chico Buarque devorou Noel Rosa.

Em um terceiro, fala sobre vanguarda sem dizer grande coisa do assunto e chega ao principal texto que dá nome à publicação. Nele lembra o primeiro contato com a obra de Oswald de Andrade que se deu ao assistir a encenação da peça *O rei da vela* pelo grupo Oficina, discorre sobre a importância do legado antropófago para a cultura nacional e se detém em excesso no combate a um texto de Contardo Calligaris que diz ser a antropofagia do modernismo brasileiro a falta de um significante nacional, a falta de um nome do Pai.

É o ensaio com maior profundidade da nova publicação, só desanda quando o assunto passa a ser Clarice Lispector sem uma maior ligação com o tema.

A mudança repentina do foco do assunto para Clarice Lispector revela o quanto a literatura visceral da escritora demarcou sua trajetória. Suas primeiras leituras de Lispector datam de sua juventude em Santo Amaro. Uma leitura sentimental demais em virtude da força emocional

CAETANO VELOSO

CLÁUDIO PORTELLA

e psicológica que a escritora imprime em seus textos.

Nesse sentido Clarice Lispector defendia a antropofagia, tema anos depois tão caro a Caetano; uma antropofagia do Eu, onde a própria pessoa se devora a si mesma.

Podemos pensar que o texto psicológico da escritora, já em Santo Amaro, seria um guia para o interesse em psicanálise que persegue o compositor

QUINZE ANOS DEPOIS

Após quinze anos da publicação do autobiográfico *Verdade Tropical* (1997) o crítico literário Roberto Schwarz escreve sobre ele. Em tese o ensaio, *Verdade Tropical: Um Percorso do Nosso Tempo*, publicado em seu novo livro

Martinha versus Lucrecia (2012), de Schwarz, “cobra” do autor maior compromisso com a cultura nacional (dos anos 1960/1970) do que com a causa tropicalista. O compromisso com a causa própria é a constante reflexão de autoanálise que persegue o músico baiano.

É necessário entender a si mesmo para só então contribuir com a cultura popular. Talvez por isso é que ele tenha se espantado com os filmes de Glauber Rocha. Filmes que faziam o caminho inverso.

O crítico destaca a qualidade literária de Caetano e o poder de suas críticas, bem como sua capacidade de perfilar os amigos ilustres e sua sensibilidade de sentir o mundo.

Não concorda com o “perdão” de Caetano aos militares torturadores da ditadura militar brasileira. O que o cantor responde em entrevista à Folha de S. Paulo: “A lição aplicada pelos militares surtiu efeito em mim: me fez

mais realista, mais conhecedor dos pesos concretos da vida. Foi sob a ditadura, sobretudo na prisão, que aprendi a odiar o odiável em nossa sociedade.”.

Na mesma entrevista, respondendo a “acusação” de Schwarz de ter se conformado e aderido ao capitalismo diz: “O capitalismo não é inquestionável: que a gasolina americana tivesse sido enriquecida com chumbo porque isso a fazia mais rentável, e que o empresário que usou essa vantagem tenha mantido em segredo a descoberta de que o chumbo era prejudicial à saúde pública para não ver cair o lucro; e que, depois de essa descoberta ter-se tornado pública, a gasolina americana tenha reduzido gradativamente até zero seu teor de chumbo, mas a brasileira não, por razões de lucro (com todas as implicações de acumulação de capital e de reafirmação de poderes imperialistas), é algo que expõe a que graus de irracionalidade

e de desumanidade pode chegar uma organização social que se submeta à exclusiva força da grana. Sou contra. Mas não quero que os que lutam contra isso possam ganhar poderes autocráticos. Uma revolução feita a partir da originalidade benigna de um Brasil de sonho deveria não precisar ser sangrenta e poderia, de qualquer modo, orientar os serviços que alguém queira prestar à Justiça de um jeito diferente daquele que tem sido desenvolvido pelos movimentos revolucionários da esquerda convencional. Estes têm levado à autocracia e a Estados policiais. Sou contra. Além disso, quando se diz "capitalismo" o que é mesmo que se está querendo dizer? E Lacan disse uma vez que o inconsciente é capitalista".

Citar Lacan ao falar de capitalismo é mais uma vez denotar a fixação psicanalítica.

Mas o que o crítico ressalta mesmo de melhor, inclusive com muitos elogios, no livro de memórias (Coloca-o no mesmo nível dos autobiográficos *O Observador no Escritório*, de Carlos Drummond de Andrade e *Itinerário de Pasárgada*, de Manuel Bandeira) de Caetano, e que até por isso mesmo ele chama de quase romance, é a qualidade da prosa que pega o leitor pelas idiossincrasias camaleônicas características de Caetano Veloso.

O ensaio traz muitos trechos da obra. A intenção é que o leitor tire suas próprias conclusões das sentenças.

Além da crítica literária positiva ao livro, merece destaque a crítica histórica que Schwarz faz ao volume de que Caetano caracterizava o movimento tropicalista como uma postura de crítica anárquica ao país, para três décadas depois, na época em que *Verdade Tropical* foi publicado, vê-lo como ufanismo edificante. Não seria isso mais uma posição antagônica que enriquece a narração?

Fato é que quinze anos para maturar a crítica de um livro é muito tempo para dizer tão pouco.

O SE7ENTÃO

Em 7 de agosto de 2012 Caetano Veloso completou setenta anos de idade. O que é completar essa idade numa época onde a estimativa de vida do Homem parece não ter limites?

Ele é de uma família vivedoura, sua mãe, Dona Canô, este ano completou cento e cinco anos de idade.

O artista parece recarregar suas baterias diárias na análise (É importante trazer a questão novamente, por mais que possa parecer que eu esteja querendo forçar a mão: A primeira expressão artística de Caetano Veloso foi a pintura. Ele começou a pintar com talento aos quatro anos, saindo depois, na adolescência, pelas ruas de sua cidade natal munido de tintas, pinceis e telas, pintando as paisagens da cidade como numa cena de um filme retrô. A pintura é a arte que está mais ligada a psicanálise, à identificação do “Eu” ou dos “Eus”. Nise da Silveira introduziu a pintura como tratamento da esquizofrenia. Doença que em linhas gerais é a busca inalcançável de uma identidade) e seguir fazendo arte.

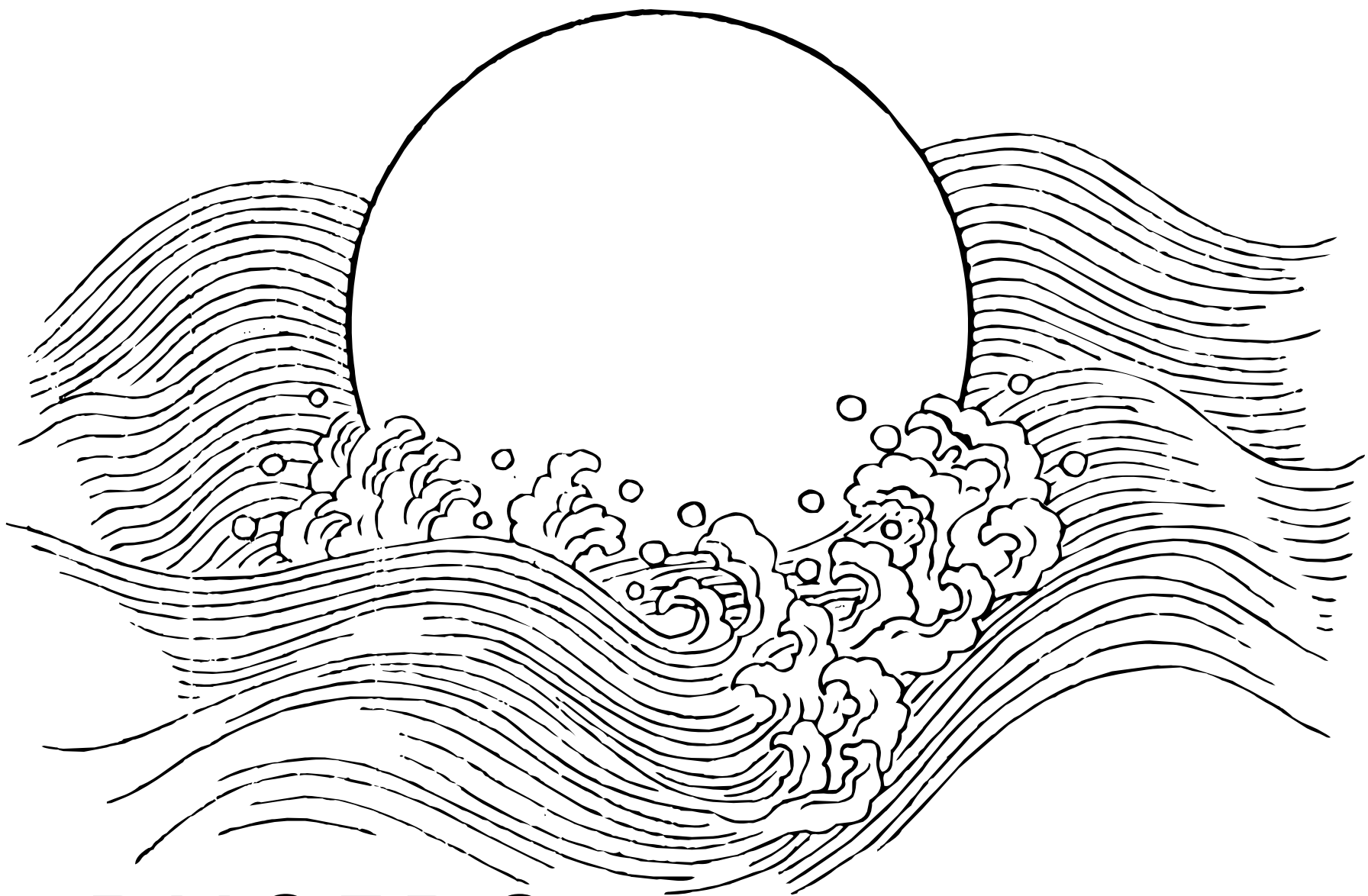
Sua discografia é seu certificado de garantia. Seu disco *Transa* é, para a crítica, o ápice do seu nível de qualidade. O disco este ano está fazendo quarenta anos. O que é apenas só mais uma efeméride.

Tudo tem que completar uma idade, desfazer-se numa data: Em 2012 fazem quinze anos das mortes dos poetas beats William S. Burroughs e Allen Ginsberg; faz também quarenta anos que seu parceiro tropicalista Torquato Neto se suicidou.

Certamente Torquato não queria ouvir Caetano cantar: “Quando eu for velho, quando eu for velhinho, bem velhinho, como seremos, como serei, como será?”. E constatar que tudo permanece exatamente como ele deixou.

CLÁUDIO PORTELLA

é escritor, poeta, crítico literário e jornalista cultural. Autor dos livros *Bingo!* (2003), *Melhores Poemas Patativa do Assaré* (2006; 1ª reimpressão, 2011), *Crack* (2009), *fodaleza.com* (2009), *As Visceras* (2010), *Cego Aderaldo* (2010), o livro dos epigramas & outros poemas (2011) e *Net* (2011).



RUGIDO

LUCIENNE SAMÔR

Distante ouço um rugido
parece um vórtice a moer
não será o mar se torcendo em suas ondas
como répteis?
Não há mar, acode-me a memória
e esse rugido me assusta.
A noite é sempre uma boca aberta
sedenta, exalando ameaças
de quê?
Temo que sua boca negra me devore.
Não há ninguém para me proteger do desvario da noite.
Quem poderia me salvar está distante
erguendo taças de Champagne Montaudon em saudação
à sua vida, sorri feliz, nem pensa em mim
não envia uma carta ou um bilhete de duas sentenças
ah, uma sentença bastaria
afirmando que virá salvar-me da noite
Do medo, do rugido irmão do mar.

LUCIENNE SAMÔR

é mineira de Conselheiro Lafaiete. Fez parte do elenco da revista *Estória* em meados dos anos 60. Publicou, em 1975, o livro de contos *O olho insano* (Ed. Interlivros) e tem, ainda inédito, o romance *A minha canção desesperada*.
